









*asul*

**Gonçalves de Magalhães**

**ou**

**o romântico arrependido**



ALCANTARA MACHADO  
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS  
E DA ACADEMIA PAULISTA



G O N Ç A L V E S D E  
M A G A L H ã E S  
O U O R O M Â N T I C O A R R E P E N D I D O



1936

LIVRARIA ACADEMICA  
*Saraiva & Cia. — Editores*  
Largo do Ouvidor, 15 — S. Paulo

**DO MESMO AUTOR**

- ALOCUÇÕES — 1922.**  
**VIDA E MORTE DO BANDEIRANTE — 1930.**  
**DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA BRASILEIRA**  
**— 1933.**  
**DISCURSO NA RECEPÇÃO DE PAULO SETUBAL —**  
**1935.**  
**BRASILIO MACHADO — (no prelo).**  
**BIOGRAFIA DO RIO TIETE' — (em preparação).**



- DO MOMENTO DA FORMAÇÃO DOS CONTRATOS POR**  
**CORRESPONDENCIA — 1892.**  
**A EMBRIAGUEZ E A RESPONSABILIDADE CRIMINAL**  
**— 1894.**  
**O HIPNOTISMO — 1895.**  
**A DEFORMIDADE NAS LESÕES PESSOAES — 1901.**  
**SUICÍDIOS NA CAPITAL DE S. PAULO — 1905.**  
**OS HONORÁRIOS MÉDICOS — 1922.**  
**PROBLEMAS MUNICIPAES — 1917.**  
**O EXAME PERICIAL NO DIREITO ROMANO.**  
**O ENSINO DA MEDICINA LEGAL NAS FACULDADES**  
**DE DIREITO.**  
**O ENSINO NA PERICIA (com o prof. Flaminio Favero).**  
**A BANCADA PAULISTA NA CONSTITUINTE — 1935.**



Muito se tem dito e redito da obra literária de Domingos José Gonçalves de Magalhães. Do homem, quasi nada. Os documentos são escassos e pobres; e ninguém encontrei, capaz de suprir com o seu depoimento a deficiência das fontes.

A vida de Magalhães pertence, todavia, ao número daquelas, que podem seduzir o estudioso das coisas do passado. Estudá-la é acompanhar um dos períodos mais interessantes da vida nacional. A puerícia e a adolescência do poeta coincidiram com as do Império: tinha ele onze anos ao ser proclamada a Independência, e vinte ao tempo do desquite amigavel, por incompatibilidade formal de gênios, entre a nação e o primeiro Imperador. Chegou á madureza, quando o Império entrava na virilidade. Envelheceu com a monarquia. Desapareceu para sempre nas vésperas do desabamento do trono.

## MENINICE

Em poesia intitulada "13 de Agosto" e datada de 1833, Magalhães divulga o dia de seu nascimento:

Agostos vinte e dois hoje completo (1)

---

(1) *Avulsas*, p. 358.

Nasceu, portanto, a 13 de agosto de 1811 (1). Na cidade do Rio, dizem-no quasi todos os biógrafos. Na província do Rio, pretende Ferdinand Wolf. Em Niteroi, acrescenta, mais precisamente, Artur Mota (2), fiado nestas passagens da “Confederação dos Tamoios”:

Niteroi! Niteroi! Como és formoso!

Eu me glorio de dever-te o berço!

.....

Meu pátrio Niteroi te excede em galas,

Na grandeza sem par muito te excede!

A verdade está com a maioria. Magalhães alude mais de uma vez, em sua obra poética, ao “pátrio Janeiro” (3), e no escôrço biográfico de Mont’Alverne se confessa nascido, como seu mestre de filosofia, “nesta mesma cidade, que se ufana de ser pátria dos tres mais grandes oradores sagrados, os padres Caldas, Sampaio e São Carlos” (4).

Ferdinand Wolf confundiu (coisa desculpavel em estrangeiro) a cidade ilustre com a província homônima. Artur Mota não atendeu á sequência do poema. Teria visto, si o fizesse, que naqueles tópicos o poeta se refere, não á capital fluminense, mas á baía de

---

(1) Pereira da Silva, no “*Parnaso*”, dá o poeta como nascido em 1809.

(2) *Rev. da Acad. Bras.* 27.57.

(3) *Urânia*, p. 271.

(4) *Opúsculos*, p. 312.

Guanabara. Logo a seguir, com efeito, o autor da “Confederação” exalta os

Contínuos montes verdejantes,  
Que o vasto Niteroi cingem e o fecham  
Como um profundo lago salpicado  
De graciosas ilhas.

Magalhães não usou, neste passo, de liberdade poética. Os nossos escritores concordam que o nome primitivo da baía era Niteroi, e assim lhe chama Aires de Casal (1).

O pai, Pedro Gonçalves Magalhães Chaves, veio á luz em 6 de outubro de 1755. Faleceu, com 86 anos, em 12 de outubro de 1841 (2). Dizem-no descendente de família nobre de Portugal. A mãe era brasileira. Na falta de atestado de batismo, temos a palavra do poeta (3):

Minha terra saudosa,  
Terra de minha mãe...

Daí podemos inferir que diversa era a nacionalidade paterna. Portuguesa, naturalmente.

---

(1) *Corog. Brasília*, p. 5-15. Leia-se a propósito a memória de Morales de Los Rios, no 1.º Congresso de História Nacional.

(2) *Tragédias*, p. 129.

(3) *Avulsas*, p. 260.

Magalhães teve irmãos. “Ternos irmãos” (1), como de estilo. Nenhum deles se notabilizou. Todos eram mortos, ao tempo da publicação dos “Mistérios” (1858):

Lá meus caros irmãos e a mãe querida  
Me não esperam mais (2).

Débil e doentio sofreu bastante nos primeiros anos:

Que triste foi minha infância  
De mil dôres rodeada,  
Tão mofina e amargurada  
Que como vivo não sei (3).

Só a dedicação materna poude conservar-lhe a vida:

Minha infância tão molesta,  
Que assídua e carinhosa defendeste  
Tantas vezes da morte (4).

Consequência, talvez, da idade propecta do pai, que tinha mais de 55 anos, quando da concepção. Não será temeridade atribuir a essa factor disgênico o temperamento nervoso do poeta, as demasias de seu misticismo, a sua melancolia exasperada pela pandemia romântica.

Onde estudou as primeiras letras, não sabemos. Sabemos, sim, que entre os seus camaradas da puerícia

---

(1) *Avulsas*, p. 338.

(2) *Cânticos*, p. 68. A mãe faleceu em 1856 (*Cânticos*, p. 38).

(3) *Urânia*, p. 21.

(4) *Cânticos*, p. 38.

figurava certo menino destinado a ser uma das figuras culminantes do segundo Império: Francisco de Sales Torres-Homem. Dêle disse um dia Magalhães (1):

Sabes com que pezar te deixo, ó Sales,  
Companheiro de infância!

Os dois garotos viram, de certo, com os olhos alagados de admiração, as cenas movimentadas e pitorescas, que a cidade natal lhes oferecia gratuitamente naquele tempo. Tiveram, talvez, de ajoelhar-se, mais de uma vez, á passagem do côche em que dona Carlota Joaquina passeava pomposamente a sua fealdade pelas ruas descalças ou pelas estradas maravilhosas da Côte; ou puderam avistá-la, escanchada numa cavalgadura de preço, em direção a Laranjeiras, pelo Catete afóra. Viram dom João VI, macrocéfalo e barrigudo, sacudido dentro de uma carruagem pífia, a caminho de S. Cristóvão, onde tinha o palácio. Deslumbraram-se com as luminárias do Campo de Sant'Anna, e os arcos triunfais do largo do Paço, erguidos por Grand-Jean de Montigny para festejar a coroação do novo soberano do Reino Unido. Espiaram a chegada de dona Leopoldina e a partida da família real. Trocaram insultos e bofetadas com os "marotos" e "pés de chumbo" da mesma idade. Ouviram, transidos de medo, o éco das arruaças e o troar do canhão, por ocasião do motim de 24 de fevereiro. Acompanharam o bando imponente que, prece-

---

(1) *Suspiros*, p. 331.

dido de moleques e anunciado pelo pipocar dos foguetes e pelos músicos da cavalaria policial, convocava o povo para as festividades da sagração. Bem pode ser que, na tarde em que a Constituinte foi dissolvida, tenham visto o Imperador, á frente do estado maior, atravessar carrancudo a cidade amuada.

### PRIMEIROS VERSOS

Aos 15 anos (1), mal concluidos os estudos primários, começou Magalhães a poetar. Era o seu fadário. Uma cigana, que o vira infante no colo materno, lera em sua mãozinha o futuro e vaticinara (2):

...este menino...  
Ha de ser poeta.

Vaticínio fácilimo: poetas grandes ou pequenos, eram naquele tempo todos quanto sabiam ler e escrever.

Entre os versos de Magalhães os mais antigos, que conhecemos, são datados de 1827 (3): uma “Epístola a Marília”, sub-produto evidente do sub-arcadismo reinante. Aí já se percebem, entretanto, os primeiros traços daquelas tendências filosóficas, impregnadas de religiosidade, que seriam uma das feições características

- 
- (1) *Avulsas*, advertência.  
(2) *Urânia*, p. 65.  
(3) *Avulsas*, p. 159.

da obra poética de Magalhães. O amor, quem o acende  
em seu coração e em sua carne púbere,

Não é de Citeréa o tenro filho,  
Esse infante gentil, olhivendado,

que não passa de

Vão fantasma... Deus factício.  
Antiga produção de antigos vates.

Mas

O sábio Arquitector da Natureza,  
Este supremo Deus, que tudo rege,

foi quem, para perpetuar a obra dos seis dias genesiácos,

Assoprou esse fogo etéreo,  
Nos peitos das primeiras creaturas,

e deu em partilha, não só á humanidade, como á “classe  
irracional” e aos vegetais, o

Santo amor miraculoso.

Já por esse tempo devia estar formada a rodinha  
literária, de que participavam Magalhães, Sales Tor-  
res-Homem, Antônio Felix Martins, Manuel de Araujo  
Porto-Alegre. Este chegara á Côrte em 1827, para ma-  
tricular-se na Academia Militar; e, por tê-la encontrado  
em férias, entrara a estudar piñtura e arquitetura na  
Academia de Belas-Artes, que acabava de instalar-se.

É um grão de areia que decide, ás vezes, do nosso destino. Foi Porto-Alegre, naturalmente, que aproximou dos companheiros o seu mestre João Batista Debret, de quem Magalhães se tornou amigo entusiasta.

Cada um deles tinha, á moda da época, um pseudônimo literário. Pseudônimo anagramático: o de Magalhães era *Osmindo* (1), o de Porto-Alegre, *Elmano* (2), o de Antônio Felix Martins, *Notânio* (3).

### ESTUDANTE DE MEDICINA

Por volta de 1828, Magalhães se matriculou no colégio médico-cirúrgico instituído, ao tempo de dom João VI, no Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Com ele, Sales Torres-Homem, Antônio Felix Martins, Cândido Borges Monteiro. Dos quatro, só os dois últimos tinham verdadeira vocação pela arte de curar e se lhe conservaram fiéis até á morte (4). Sales Torres-Homem chegou a preparar-se, depois de formado, para concorrer a uma das cadeiras da Faculdade, em que se transmudara o primitivo Colégio. Mas, afinal, arrebatado pela política, trocou as ciências físicas pelas so-

---

(1) *Avulsas*, p. 96.

(2) *Avulsas*, p. 239.

(3) *Avulsas*, p. 177.

(4) Antônio Felix Martins (barão de S. Felix), professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Cândido Borges Monteiro (Visconde de Itaúna), também docente da mesma faculdade, médico da imperial câmara e parteiro da Imperatriz.



ciais, diplomando-se em direito na Faculdade de Paris. Magalhães confessou mais tarde que obedecera apenas á vontade paterna e que outras eram as suas preferências. Isso mesmo, demonstrou-o, ainda estudante, criando de epigramas insípidos a medicina e os médicos. Sirva este de amostra (1):

Nas margens do negro Stige  
De um doctor a sombra errava  
Porque ao severo Caronte  
O tributo não levava.  
Este, vendo-o, diz-lhe: "Amigo,  
De graça podes passar;  
Pois nos mortos que me enviaste  
Assaz me deste a ganhar.

Desabafo de quem se vê constringido a uma tarefa, que julga inferior ao seu engenho. E, também, revolta de um doente, que não encontra na ciência o alívio esperado. No mesmo ano em que iniciava o curso médico, Magalhães, sempre enfermiço, foi vítima de moléstia de certa gravidade. Vêmo-la descrita na "Epístola ao amigo dr. Antônio Felix Martins" (2). Para enganar a tristeza, que lhe causara o apartamento desse companheiro, tomara de um livro, que

Era das "Noites" do imortal Young.

"Não sem lagrimas", lêra os versos da "Noite prima", quando (diz o autor da "Epístola")

---

(1) *Avulsas*, p. 213.

(2) *Avulsas*, p. 176.

Um espectro diviso envolto em luto,  
 De enrugado semblante e magro e feio,  
 Com tardos passos para mim se chega  
 E erguendo a impiá mão me toca o peito.  
 Eis cheio de pavor um grito solto;  
 Um súbito tremor de mim se apossa,  
 E sem sentidos ter no chão baqueio.

Um delírio febril? Um ataque de epilepsia?  
 Antes ou depois dessa, outra moléstia o assaltou,  
 que lhe pôs a vida em risco (1):

Já brilhava em meus olhos moribundos  
 A luz de bento Cirio,  
 Que ante um sagrado Crucifixo ardia.  
 Chorava minha mãe e seus cabelos  
 Sôbre meu frio peito debruçavam-se.  
 Colocado entre o mundo e a Eternidade  
 Meu ser se dividia..."

### INFLUENCIAS LITERARIAS

Tudo leva a acreditar que Magalhães não tenha levado muito a sério os estudos do curso médico. Pode ser que, de acôrdo com aquele surradíssimo conceito de Ferreira, não façam mal as musas aos doutores. Aos estudantes, mostra a experiência que são maléficas.

---

(1) *Suspiros*, p. 303.

Os autores da predileção de Magalhães eram então Young, Hervey, Souza Caldas e Klopstock (1). Os dois últimos, não precisamos apresentá-los. Ninguém ha que não os conheça de nome, senão pessoalmente.

Edward Young (1684-1748), vigário anglicano de gorda paróquia, tornou-se famoso com a publicação de um poema em nove cantos, intitulado "*Pensamentos nocturnos*" (Night Thoughts), mais conhecido entre nós pelo nome de "Noites", por ter aparecido na versão francesa de Le Tourneur,, com o titulo de "Nuits" O tema é este, em síntese: no curso de uma viagem pelo meio-dia da França, o poeta tem a desgraça de perder a filha, protestante como ele; os moradores da localidade se recusam a dar sepultura ao cadáver da hereje; e, assim, o desventurado pai se vê obrigado a valer-se das sombras da noite para, com as próprias mãos, á claridade vacilante de uma tocha, abrir a cova e inhumar os despojos de sua creatura. Em tórno desse argumento fúnebre, Young borda uma série infindavel de considerações sôbre a pequenez do homem, a poesia das necrópoles banhadas de luar, a beleza das noites consteladas, a bondade e a onipotência divinas. Literatura lúgubre de pastor protestante, que tresanda a entêrro e a sermão. Young teve apesar disso, ou por isso mesmo, um sem número de imitadores. Entre eles, Hervey (1714-1758), a que tambem alude Magalhães.

---

(1) *Cânticos*, p. 264. Aí se lê "Harvey", em vez de "Hervey". Erro tipográfico. Trata-se evidentemente do poeta, e não do fisiologista.

Para julgá-lo, basta o título do mais popular de seus livros, que, na versão de *Le Tourneur*, aparece truncado: “Meditações e contemplações, contendo meditações em meio de túmulos, reflexões sôbre um jardim florido e um discurso sôbre a criação”.

Seja como fôr, Young e seus discipulos exerceram influência consideravel na formação do ambiente sentimental, de que saíria o romantismo. Fizeram do elemento religioso uma emoção poética (1) e do espetáculo da morte uma volúpia nova.

Esses, os modêlos que Magalhães tinha diante dos olhos. Esses, e mais os pseudo-clássicos da Arcádia. É facil distinguir nas primeiras produções do nosso poeta a contribuição de cada uma das nascentes, em que se abeberava: a religiosidade profunda de Klopstock e de Souza Caldas, a filosofia barata de Young e de Hervey, o artificialismo e a insipidez dos últimos ár-cades. “Tratemos de imitar os nossos mestres” (2), era então o lema de Magalhães.

A exemplo deles, versejou torrencialmente. Abordou todos os gêneros e ensaiou todas as fórmulas, escrevendo epístolas e sátiras, éclogas e sonetos, liras e epigramas, nênias e cantatas, epicédios e odes pindáricas, de sabor e andamento clássicos, tri-partidas em estrofes, antístrofes e epodos; celebrou a virtude, o patriotismo, a liberdade, a paz, a saudade, a tranquilidade.

---

(1) Veja-se, a propósito, L. Reynaud, *Le romantisme*, p. 119 e seg.

(2) *Avulsas*, p. 152.

d'alma, a filosofia, a aurora, a amizade, o Sete de Setembro e o Sete de Abril, a volta dos políticos desterrados, a partida de Debret, e assim por diante.

“Obras imperfeitas, dos quinze aos vinte anos, escritas ás pressas, e algumas vezes a pedido, para satisfazer idéas e paixões momentâneas”, qualificou-as assim o poeta quando chegado á madureza (1).

De pleno acôrdo. Tirante as sátiras de que falaremos depois, nada se salva das primeiras poesias. Assunto, forma, estilo, tudo é contrafação e calco da versalhada abominavel, com que desembargadores e cônegos se distraíam em atulhar o Parnaso. Invectivas bombásticas contra os tiranos e os déspotas (2). Elogios hipócritas da pobreza (3). Lirismo desenxabido e pedestre (4) :

Si não vens dar-me  
o teu socôrro,  
só de saudades,  
ó Lilia, eu morro!

Tudo insincero e postiço. Tudo talhado no mesmo tecido, pelo mesmo figurino, sôbre os mesmos manequins dos velhos costureiros. Metáforas deste supremo ridículo:

Estoica filosofia,  
de Zeno parto sublime...

- 
- (1) *Avulsas*, advertência.  
(2) *Idem*, ps. 223, 233, 244...  
(3) *Id.*, ps. 53, 234...  
(4) *Id.*, p. 164.

A inópia de imaginação corre parelhas com a indigência de linguagem. Ha certas imagens, em que o poeta reincide tão repetidamente, que se tornam verdadeiros cacoêtes literários. De algumas jamais conseguiu libertar-se. Assim, não ha para ele o que não esmalte ou não possa esmaltar-se. “Com os seus pincéis divinos” deve Porto-Alegre esmaltar da pátria os feitos (1); de frutos se esmalta o cajueiro (2); de verde, as folhas (3); de flôres, o trono (4); os dias, de ventura (5); esmalte dão ao Brasil os varões illustres (6). Alcáçar é outra palavra que volta, como um estribilho, periodicamente. A fama? Alcáçar da memória (7). Paris? Alcáçar do progresso (8). O infinito? Alcáçar do imenso (9). Alcáçar da lei, o tribunal (10); celeste alcáçar, o céu (11); majestoso alcáçar, o teatro (12); alcáçar da bondade, o peito da mulher amada (13).

O que faltou a Magalhães durante esse período da existência foi um grande amor.

- 
- (1) *Suspiros*, p. 323.
  - (2) *Id.*, p. 344.
  - (3) *Id.*, p. 276.
  - (4) *Tragédias*, p. 128.
  - (5) *Cânticos*, p. 48.
  - (6) *Avulsas*, p. 72.
  - (7) *Id.*, p. 15 e 77.
  - (8) *Suspiros*, p. 326.
  - (9) *Id.*, p. 280.
  - (10) *Id.*, p. 251.
  - (11) *Avulsas*, p. 249.
  - (12) *Tragédias*, p. 225.
  - (13) *Urânia*, p. 321.

Namóricos, teve-os de certo. Paixão, nenhuma, que lhe dêsse vibração humana á poesia. Faltou-lhe o contacto com “cet animal terrible: une femme”... As mulheres, que descanta, são as mesmas dos que o precederam: Lília (1), Marília (2), Márcia (3). Entes de razão, e não creaturas de carne e osso. Ele é o primeiro a confessar que passava então a existência

Entregue ora do estudo ao doce encanto,  
Entregue ora ao sossêgo, ora aos amigos,

sem alusão a aventuras sentimentais. Basta aliás, comparar a frieza de seus versos de amor, puramente cerebrais, com os que lhe inspirava a amizade, ardentes e sinceros. Magalhães diz a Porto-Alegre o que não disse a qualquer de suas Marílias, e hoje ninguém ouzaria dizer a um amigo, sem dar pasto a suspeitas injuriosas (4):

O' meu caro Araujo,  
O' parte de mim mesmo, ó meu amigo,  
O fado quer que tu de mim te apartes...  
O' meu caro Araujo, inda um abraço...  
Couce de inda um abraço ao teu amigo  
Pela ultima vez ... aperta... aperta...  
Ai! deixa que se espalhem  
Em teu peito estas lágrimas nascidas  
Do triste coração do teu Osmiudo.

- 
- (1) *Avulsas*, p. 145.  
(2) *Id.*, p. 141, 148, 167.  
(3) *Id.*, p. 149.  
(4) *Id.*, p. 149..

Pura amizade, está visto. Amizade, que o levava a enxergar no riograndense um “Rafael do Brasil” (1), um “David brasílio” (2), um “gênio” (3). Nada mais. Nada menos.

De toda a obra juvenil do poeta as únicas produções que ainda se lêem com agrado são as sátiricas.

“Os Lunetistas”, por exemplo. É dia de grande festa em certa igreja. Repicam sinos. Como num desenho de Debret, vemos a família patriarcal a caminho da função religiosa:

Filhas, mães e avós enfileiradas,  
As mucambas o renque arrematando,  
Crianças, velhos, damas enfeitadas.

Enche-se o templo de fiéis. De fiéis é modo de dizer, “porque mulheres vãs, sem rumo e tento, sentadas nos estrados”, lá se encontram, cujo único desejo é serem vistas “pelo bando de estultos Lunetistas”.

Lunetistas são os cadetes “de fardas adornadas, — barretinas, penachos e floretes”, e os peraltas, com as suas “calças de riscados, — chapéus brancos, gravatas e coletes... casacas de altas golas de veludo”.

Peraltas e cadetes se distinguem da “gente honrada”, por trazerem ao peito, bem á mostra, lunetas pendentes de fitas azues ou negras.

---

(1) *Avulsas*, p. 143.

(2) *Id.*, p. 99.

(3) *Suspiros*, p. 323.



Bem como as cabras trazem e os carneiros  
 Nos pescoços cadarços amarrados,  
 Por que se reconheçam nos outeiros  
 Ou pqr outros não possam ser trocados;  
 Ou tambem como trazem os rafeiros  
 As coleiras com os guizos pendurados.

Os almofadinhas de 1830, como os de hoje, perturbam “com risos e conversas” os que vão á igreja por devoção. Passam em revista as beldades, que tocam piano, cantam modinhas, valsam com perfeição, e, em meio dos requebros do “miudinho”, recebem dos namorados os bilhetes de amor.

Alguns se embebem numa vítima só. Outros namoram a torto e a direito, passam as mãos pelo cabelo, piscam o olho, fazem sinais com as mãos. A um deles succedeu ter desmaiado, em meio da missa. Levado á sacristia e posto sôbre um banco o “Adônis lamentavel”, tratam os presentes de “fazer-lhe no fato anatomia para arejar-lhe o corpo”. Resultado:

...quando o espartilho lhe tiraram  
 Para dar aos pulmões maior largueza,  
 Tambem os ombros seus se deslocaram  
 E as nádegas postiças á francesa.

As modas femininas lhe inspiram outra sátira, que não deixa de ter espontaneidade e graça. Estava certa noite o poeta no “Público Passeio”, quando vê aproximar-se uma francesa, modista de profissão. Mangas “de gigot”, tão grandes que “podiam dar dois outros

vestidos á vontade”; cintura tão apertada pelo espartilho, “que o franzino pescoço a não vencía”; e, como si tudo isso não bastasse, colchões no assento, descomunais. Parecia impossível que as mangas de “gigot” e as anquinhas tivessem entre nós aceitação. Qual! “Sendo moda francesa, ha de aceitar-se” E o poeta assim termina:

Ainda ha pouco se usava manga estreita;  
 Agora um saco se usa na largura.  
 Ainda ha pouco os cabelos se cortavam;  
 Hoje os deixam crescer, e dão-lhe as formas,  
 Já de chifres, de cestas e de vasos...

Magalhães se escandalizava ante os cabelos compridos, como, ha pouco, nos escandalizávamos com os cabelos “à la garçonne”. Teem razão as filhas de Eva, quando se não incomodam com a excomunhão dos moralistas.

### MAGALHÃES E MONT'ALVERNE

As mulheres, dissémo-lo ha pouco, representavam naquela época, para o nosso poeta, matéria literária, e nada mais.

A frieza de seus versos de amor tem explicação cabal nestas palavras, que escreveu mais tarde (1): “As minhas tendências eram então (1830) para a vida

---

(1) *Opúsculos*, p. 313.

claustral, que se me representava como a elevação do espírito, a tranquilidade do homem, o desprezo das vaidades humanas, e o melhor caminho do púlpito que me fascinava”. Retenhamos esta última razão, que nos parece a mais expressiva e sincera.

Bem se compreende a atração que devia exercer o púlpito sobre um espírito, como o de Magalhães: satisfaria a um tempo os seus sentimentos religiosos e as suas ambições literárias.

A cadeira sagrada não constituia apenas o que sempre foi e continúa a ser, quando o orador é digno dela: a mais eminente das tribunas, o lugar em que o homem tem o direito de se dizer, como São Paulo no ágora, da raça de Deus. Era também naquele tempo, antes da educação das massas, pela difusão do jornal e do livro, o melhor instrumento de ação intelectual sobre as multidões, o caminho mais curto e seguro para a popularidade.

Entre nós, o prestígio da eloquência religiosa culminou precisamente nos dias agitados que precederam e sucederam á Independencia. Os nossos prédigadores foram também os nossos primeiros oradores políticos. Ao clero pertenciam vários chefes do movimento libertador, que teve o seu desfecho teatral nas ribanceiras do Ipiranga, e muitos dentre os líderes da reacção nacionalista, vencedora em 1831. Fortes da imunidade relativa que lhes advinha do burel ou da batina, Mont’-

Alverne, Sampaio, São Carlos, Januário fizeram-se paladinos das reivindicações populares; e no templo transformado em Forum o que se ouvia eram discursos trovejantes, carregados de apóstrofes contra o despotismo e a tirania.

Com as suas atitudes intrépidas, com a sua ênfase truculenta, realçada pela voz cavernosa, Mont'Alverne encarnava como ninguém, aos olhos deslumbrados dos contemporâneos, o poder e o esplendor da palavra. "Desde os mais tenros anos", Magalhães corria, com a cidade inteira, a ouvir-lhe as orações tempestuosas. Chegava cedo para, bem colocado, "não perder um só de seus movimentos tão expressivos, tão enérgicos, como iguais nunca os veria em outros" (1). Como lhe parecia digno de inveja esse capuchinho escarnado, que, livre das preocupações materiais, empregava todas as horas da vida em polir o espírito, pela meditação e pelo estudo; que, tão humilde, era o orgulho do povo, e, tão fraco, o terror dos poderosos; que tinha o direito de recordar, face a face, ao Imperador cabisbaixo, diante dos cortesãos atônitos, a miséria infinita das grandezas humanas!

A resolução, que formara, de entregar-se á vida religiosa, encontrou na vontade paterna a barreira salutar. Na vontade paterna, a princípio, e, depois, nos conselhos daquele que tomára por modelo (2).

---

(1) *Opúsculos*, p. 313.

(2) *Id.*, p. 313.

Magalhães se aproximou, pela primeira vez, do franciscano eminente no dia, em que, á beira da sepultura de frei Francisco de Sampaio, declamou, entre lágrimas, uma elegia insignificante. Mont'Alverne abraçou-o, comovido. Tornaram-se amigos. O frade percebeu desde logo a verdade: era a sêde de glória, e não o espírito de renúncia, que abrasava o coração do moço. Porque tomar caminho tão áspero, quando outros conduziriam suavemente á altura ambicionada?

Estreitou-se a amizade entre eles, quando, em 1832, Magalhães começou a frequentar o curso de filosofia, que Mont'Alverne mantinha no Seminário Episcopal de S. José. Desde 1829 o poeta se iniciara nos estudos filosóficos. Data desse ano uma ode, em que se compendiam, pela ordem cronológica, as várias escolas, e desfilam sucessivamente Demócrito e Pitágoras, Zeno e Platão, Aristóteles e Leibnitz, Descartes e Locke, Malebranche e Kant (1).

A acreditarmos em um de seus admiradores (2), foi Mont'Alverne "o restaurador dos estudos filosóficos no Rio de Janeiro, o primeiro que professou publicamente contra a doutrina escolástica e o materialismo, fazendo conhecidos entre nós Descartes, Dugald Stewart e Kant". Na ode que lhe consagra (3), o poeta se derrama em elogios desmarcados:

---

(1) *Avulsas*, p. 55.

(2) Artigo do "Jornal do Comércio", em apenso ao *Compendio de Filosofia* de Mont'Alverne (1859).

(3) *Avulsas*, p. 64.

Em magistral cadeira quem te iguala,  
 Quando aos alunos teus sábio revelas  
 Os mistérios da sã filosofia  
 Dos Déspotas malquista?

Mas o prosador se mostra muito mais discreto (1). O filósofo parece-lhe, evidentemente, inferior ao tribuno. Mont'Alverne, diz ele, "professava um ecletismo que nada tinha de original", seguindo "os compêndios de Genuense, cujas deficiências supria com postilas manuscritas". O que seduzia os alunos era menos a ciência do que a facúndia do mestre: "como sempre orava, mesmo conversando, eram as suas lições ouvidas com muita atenção e algum proveito". Apesar de tudo, nem o cônego Januário, "dado á política, ás polémicas dos diários, ao púlpito, ás sociedades literárias", nem o beneditino Policarpo, que tinha parado no sensualismo de Condillac e nos comentários de Cabanis e Tracy, nenhum dêsses professores contemporâneos da disciplina se emparelhava com o panegirista de S. Pedro de Alcântara.

1832

Nesse mesmo ano de 1832 fez Magalhães duas coisas, uma insignificante e outra consideravel: formou-se em medicina e publicou um livro de versos, a que deu o nome de *Poesias* (2). Qual a consideravel, qual a insignificante, dirá o leitor.

---

(1) *Opúsculos*, p. 319 e seg.

(2) Rio, Tipogr. Ogier, in 8.º.

Alimpadas “de erros e descuidos, principalmente de linguagem”, e dispostas em ordem mais lógica, muitas das “Poesias” foram aproveitadas em 1863, formando a primeira parte das *Poesias Avulsas*.

São precisamente aquelas de que falámos ha pouco. Passemos adiante. Mas, antes disso, não resistimos á tentação de lembrar como esse déspota escarninho, que é o destino, se diverte em fazer de nossa vida o avêssodo que sonhamos fazê-la.

Toda a existência de Magalhães está em contração com as convicções que apregôa em sua obra juvenil.

Seguro de si mesmo, afirma o poeta, com entono, que nunca hão de vê-lo

Nos páteos dos palácios,  
Entre os servos dos reis (1);

e, condenado pela fortuna a envergar o fardão de diplomata, ei-lo a correr de uma côrte para outra, a desfazer-se em mesuras diante das cabeças coroadas, a confessar-se o mais reverente dos cortezãos de Pedro II, a empenhar publicamente ao Imperador as cordas lissonjeiras da lira palaciana (2).

Proclama aos quatro ventos (3), ele que estava predestinado a viver e morrer longe da pátria:

---

(1) *Avulsas*, p. 75.

(2) *Id.* p. 298.

(3) *Id.*, p. 78.

O sol que me aclarou na minha infância,  
 O meu natal país, os meus amigos,  
 Por decantadas estrangeiras terras,  
 Avaro, não, não troco.

O futuro Visconde de Araguaia encarece a fortaleza e a sabedoria daquele

Que não corre atrás do vão fantasma  
 De títulos faustosos,  
 Por que se abala uma alma humilde e fraca.

Amaldiçoa a guerra, “filha da ambição”, cujos horrores se devem aos “generais... de louros cubiçosos”; e, depois, ao lado de Caxias,

De espada ao lado, a retinir na ilharga  
 De fogofofo ginete...  
 Dias, noites andou entre soldados,  
 Por campos de rebeldes infestados.

Estigmatiza a cada passo o avarento imundo,

A quem só move sórdida cubiça;

e, quando enriquece, dizem as más linguas que o seu maior pecado não é a prodigalidade.

Não ponho em dúvida a sinceridade do poeta. “Nos contradictions ne sont pas ce qu’il y a moins vrai en nous”, disse um dia Anatole France, a propósito dos ilogismos de Chateaubriand. O que julgo contestavel, em que pése á etimologia, é o poder divinatório dos vates.



## VIAGEM À EUROPA

Assentamento feito pelo secretário Luiz Carlos da Fonseca em livro existente no arquivo da Faculdade de Medicina, testemunha que “a 21 de janeiro de 1832 se passou Carta de Cirurgião Formado a Domingos José Gonçalves de Magalhaens, natural do Rio de Janeiro, filho de Pedro Gonçalves de Magalhaens”.

O novo cirurgião pensou a princípio, como Sales Torres-Homem, em exercer o professorado na escola de que acabára de sair. Logo, porém, mudou de resolução (1). Encontra-se na Biblioteca Nacional uma petição de Magalhães ao ministro do Império, em que declara que, “tendo de ir a França, á (*sic*) bem de continuar em seus estudos”, desiste “da pretensão de substituto da Academia Médico-Cirurgica”, terminando por solicitar a entrega do diploma com que instruiu o pedido anterior. Não tem data o requerimento. Deve ser, porém, de meados de 1833.

De fato, a 3 de julho de 1833, êle que jurara não trocar a terra natal pela estrangeira, embarca no veleiro “Dois Eduardos”,

---

(1) VIEIRA SOUTO, em *Os médicos na Academia Brasileira* (artigo publicado no *Jornal do Comércio*), atribue o fracasso ao veto da Congregação da Faculdade: “Aqueles que com Magalhães requereram foram considerados “assaz habilitados” e providos nos cargos. Só ele, com os mesmos documentos, as mesmas credenciais, ouviu dizer “não estar exatamente ao par dos seus conhecimentos médicos” a Congregação.

Em quilha aventureira a vida expondo  
 Às tragadoras ondas (1),

rumo da Europa, onde já se encontram Porto-Alegre e Torres-Homem. Viajem de estudos, diz ele:

Vou ver estranhas terras si me é dado  
 Alguns favos colher da sapiencia,  
 Com que possa prender a Pátria minha  
 E aos meus ser proveitoso (2).

Em longa carta a Candido Borges Monteiro (3), começada a bordo e concluída no Havre, Magalhães dá conta, em prosa e verso, dos incidentes da travessia. O deslumbramento que lhe causa a baía, vista da barra: “hei de descrevê-la em poema, em que sonho; mas ainda não achei assunto nacional que me inspire”. O enjoo dos primeiros dias, que lhe pôs “em completa anarquia o aparelho digestivo”; o desconforto do beliche, cujo leito “é uma estante”, com “um visinho em cima”; a ruindade da agua e da comida, ruindade que vai crescendo á medida que envelhecem as provisões; o liquido mal cheiroso “com gosto e cheiro de madeira pôdre”, que lhe dá saudades “da agua gostosa do Carioca”; o pão, “côr de tijolo petrificado té ao miolo”; o café aguado e suspeito; o chá “castanho — com o amarujo — do bule sujo — de velho estanho”; a carne “salgada, — com batatada — mal amassada,” tudo vem

---

(1) *Avulsas*, p. 75.

(2) *Id.*, p. 358.

(3) *Id.*, p. 331-264.

registrado com tabeliôa minúcia. Depois, o encontro de tres baleias; o enfado dos dias de calmaria; o calor sufocante que anuncia a proximidade do equador; o batismo dos marinheiros de primeira viagem á passagem da linha, com o mesmo cerimonial carnavalesco de hoje, o mesmo Netuno barbaçudo, os mesmos acólitos de rosto apolvilhado, o mesmo pratinho para as espórtulas dos neófitos.

Vamos assim acompanhando a jornada. O rochedo de S. Pedro desaparece no horizonte. Arma-se uma tempestade. Volta o bom tempo e com êle a calmaria. O vento enfuna de novo as velas. A ilha Graciosa manda de longe, invisivel, aos viajantes, a mensagem perfumada de seus jasmineiros. Nova borrasca se aproxima e o vento furioso arrebatada da cabeça do poeta um precioso chapéu de Chile. Termina o temporal, ao cabo de dois dias, “deixando o navio a fazer água, o que obriga todos a darem á bomba”. Entrando o veleiro no canal da Mancha, avistam-se de uma parte as costas da França e de outra as da “soberba Inglaterra, pátria dos banqueiros”.

Enfim chegado, Magalhães desembarca “no Havre da Graça” a 11 de setembro de 1833, depois de setenta dias de jornada. Apesar de bem enjoada ou por isso mesmo, a travessia lhe faz bem ao figado, parecendo-lhe “o melhor remédio para hepatites (*sic*) crônica”.

Mais salutar ao espírito do que a viagem marítima ao corpo, foi-lhe a estadia na Europa, que se prolongou de setembro de 1833 a agosto de 1836.

Magalhães encontrou em Paris velhos amigos: Porto-Alegre, que ali se aperfeiçoava; Debret, que o conheceu no Brasil; Sales Torres-Homem, que, adido á legação do Brasil, estudava na universidade parisiense as ciências políticas e sociais (1).

Encontrou (e é o que mais importa) o romantismo francês em plena idade de ouro: “uma primavera literária, cujo hálito embalsamado nos embriaga ainda, quando nos reportamos áquele tempo, em que a poesia andava no ar, o culto da arte incendiava os corações, a mocidade se batia por idéas, como se combatesse por mulheres; em que nascentes novas de inspiração borbulhavam a cada passo e os paladinos da arte emancipada se embrenhavam, ébrios de liberdade, em rincões desconhecidos, como nas ilhas virgens da América os companheiros de Colombo” (2).

Magalhães se demora em Paris até setembro de 1834. Decide-se, então, a percorrer a Italia em companhia de Porto-Alegre.

A 7 de outubro está em Poligny (3), no Jura, a caminho da Suíça. Não tarda a alcançar Genebra (4), que se lhe apresenta, em momento de inspiração,

---

(1) S. Blake, III, p. 115.

(2) St. Victor, *Victor Hugo*, p. 17.

(3) *Suspiros*, p. 132.

(4) *Id.*, p. 335.

Tão linda como o lírio junto d'água,  
Tão graciosa como a pura virgem  
Que a roca empunha e que meneia o fuso.

Depois atravessa os Alpes. Tomado de acesso pueril de patriotismo, grava numa pedra do Simplão o nome da pátria distante (1). Detem-se um momento á beira do Lago Maior (2). Visita Milão (3). Chega a Florença em novembro (4). Aí trava conhecimento com “a senhora Castelani”, que lhe inspira um poema arroubado. Não se trata de aventura sentimental. Longe disso. Velha, alquebrada, jubilada, a maravilhosa soprano que, com os trilos da vocalização e os artificios do “bel canto”, empolgara durante mais de quarenta anos as platéas e as côrtes da Europa, acolhe pressurosa aquele moço, vindo da terra tão distante e com atrazo tamanho, para trazer-lhe as suas homenagens. O poeta se comove com o sorriso fanado da ruina ilustre:



Sublime Castelani, tu me honraste.  
Talvez a única sejas, que te lembres  
Do peregrino errante,  
Quando ôle, já na Pátria,  
Cheio de comoção, citar teu nome  
E disser: “eu a vi; falei com ela”

---

(1) *Id.*, p. 174.

(2) *Id.*, p. 173.

(3) *Id.*, p. 52.

(4) *Id.*, p. 342.

De Florença vai a Roma, onde se demora desde dezembro de 1834 (1) até abril do ano seguinte (2). Com o seu amigo Porto-Alegre, faz o que fazem todos os hóspedes da cidade pontifícia. Entre outras coisas, a visita noturna ás ruínas. Numa dessas excursões os dois brasileiros são vítimas de incidente, que parece ter causado profunda impressão no ânimo do poeta. Percorrido, “cô um archote na mão, o Coliseu”, regressam á casa, “atraz deixando o arco triumphal de Constantino”, quando (3)

Tres, de punhais armados, negros vultos,  
Como da terra erguidos nos investem.

O resultado, Magalhães conta-o por meio desta perífrase:

Mais que o áureo metal é cara a vida...

Em maio os amigos se apartam. Porto-Alegre deixa-se ficar em Tivoli (4) e Palestrina (5), enquanto, “peregrino estudioso” (6), Magalhães vai a Ferrara e depois a Veneza, onde aproveita o album de uma “bela virgem”, para algumas quadras sensaboronas (7). Passa rapidamente por Fuzina, Arquá, Pádua, Albano,

---

(1) *Id.*, p. 145.

(2) *Id.*, p. 75.

(3) *Id.*, p. 197; *Urânia*, p. 45.

(4) *Id.*, p. 225.

(5) *Id.*, p. 233.

(6) *Id.*, p. 224.

(7) *Id.* p. 211.

Vicenza, Montebelo, Verona, Bolonha, Turim (1). Desta última cidade ha uma poesia que traz a data de 15 de maio de 1835.

De novo em Paris, assume o posto de adido de primeira classe á legação do Brasil, para que fôra nomeado em janeiro anterior (2). Entre os adidos figuravam Sales Torres-Homem, José Bernardo de Figueiredo, Luiz Antônio da Silva Peixoto e Alexandre José Pinheiro da Silva. Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário junto ao govêrno francês, era então o conselheiro Luiz Moutinho de Lima Álvares e Silva.

Por motivos de que não temos notícia, Magalhães se indispõe desde logo com o chefe. Daí, a sua demissão em abril de 1836. Vinga-se do desafeto pela única maneira a seu alcance: desfecha-lhe uma sátira batizada “Episódio da Infernal Comédia, ou Viagem ao Inferno”. O folheto, datado de 1836, é dado como impresso “no Inferno, rua do Fogo, canto da do Sabão”, e traz prefácio e notas em prosa, cuja autoria se atribue a Araujo Porto-Alegre (3).

Mais ou menos por esse tempo, Magalhães faz uma curta excursão á Bélgica. Na paisagem dramática de Waterloo, em que se decidiram os destinos do mundo, bebe a inspiração do único poema que lhe sobrevive. Despede-se em verso, a 21 de junho, da familia Lis-

---

(1) *Id.*, ps. 229, 230, 237, 238, 203.

(2) S. Blake, II, p. 217.

(3) A. Mota, l. c.

boa (1), e volta a Paris. Aí chegado, inicia, com Sales Torres-Homem, Porto-Alegre e outros brasileiros que viviam em França, a publicação de um mensário, “revista brasiliense de ciências, letras e artes”, sob a denominação de “Niteroi” (2) e com este lema, que resume o programa: “Tudo pelo Brasil, e para o Brasil”.

O primeiro número esgota-se rapidamente, ao que diz um dos colaboradores. Apesar disso, a revista desapparece com o segundo fascículo...

Sem contar duas ligeiras notas bibliográficas a propósito do notavel livro de J. B. Debret (“Voyage Pittoresque et Historique au Brésil”) e do opúsculo de Montesuma, intitulado “A liberdade das Republicas”, Magalhães contribue para a revista com dois artigos: “Discussão sôbre a historia da literatura no Brasil”, e “Filosofia da religião, sua relação com a moral e sua missão social” (3). Nenhum deles é digno de análise demorada.

O rótulo do primeiro não corresponde ao conteúdo. Começa o trabalho, com alguns periodos palavrosos sôbre a dignidade da literatura; acentúa a carencia de trabalhos referentes aos nossos escritores; diz a largos

---

(1) *Suspiros*, p. 348.

(2) Dois fascículos in 8<sup>o</sup>, Paris, 1836. Daurin et Fontaine, libraires, Passage des Panoramas n. 35. Colaboraram no primeiro C. M. d’Azeredo Coutinho, Sales Torres Homem, Magalhães, Porto-Alegre; no segundo Eug. Monglave, Sales Torres Homem, Porto-Alegre, Magalhães, Azeredo Coutinho, Silvestre Pinheiro Ferreira, C. A. Taunay, J. I. Pereira Silva.

(3) Reeditados em *Opúsculos*. ps. 241-273.



traços quanto padecemos de Portugal ao tempo em que lhe pertenceu o Brasil; assinala que devido á influencia deletéria dos clássicos ultramarinos, a poesia brasileira sempre foi, em vez de “indígena civilizada”, uma grega vestida á francesa e á lusitana; alega ligeiramente que a natureza americana pode e deve ser a fonte de inspiração dos vates nacionais; e conclue por lembrar, de acôrdo com Gabriel Soares, que os ameríndios, e sobretudo os tamoios, eram havidos por grandes músicos e bailadores, o que, francamente, não basta para demonstrar o gênio artístico da raça.

Quanto á “Filosofia da religião”, trata-se de uma dissertação de fundo raso e forma pobre, bastando, para evidenciá-lo, a síntese que lhe serve de remate: “resumiremos êste artigo, dizendo que a religião é um dos mais fortes elementos de sociabilidade; que a moral do interesse não é moral; que a ela devemos todos os males com que lutamos; que com ela jamais poderemos engrandecer-nos”.

### “SUSPIROS POETICOS”

Ao mesmo tempo que lança a “Niteroi”, Magalhães reúne as últimas produções em volume, a que dá o nome de *Suspiros Poéticos e Saudades* (1).

---

(1) Paris, 1836. A segunda edição, “correta e aumentada”, é de 1859, impressa também em Paris, na tipografia de Henrique Plon, “impressor do Imperador”, e editada por Morizot, com livrarias em Paris (Rua Pavée Saint-André n. 3), e no Rio (rua do Ouvidor n. 112). Artur Mota informa ter aparecido outra edição antes de 1865.

No prefácio o poeta anuncia que se trata de “poemas escritas segundo as impressões dos lugares; ora sentado sobre as ruínas da antiga Roma, meditando sobre a sorte dos impérios; ora no cimo dos Alpes, a imaginação vagando no infinito, como um átomo no espaço; ora na gótica catedral, admirando a grandeza de Deus e os prodígios do Cristianismo; ora entre os ciprestes que espalham as suas sombras sobre túmulos; ora enfim refletindo sobre a sorte da Pátria, sobre as paixões dos homens, sobre o nada da vida”. E, depois de afirmar que o fim a que se propõe é “elevar a poesia á sublime fonte de onde ela emana”, aos pés do Senhor, termina por lançar a obra “ao turbilhão em que se debate a nossa Pátria, onde a trombeta da mediocridade abala todos os ossos e desperta todas as ambições, e tudo está gelado, exceto o egoismo”...

Esse desfile de logares comuns, entremeiado de tolices e recheiado de cacófatos, essa trombeta que tem o privilegio incrível de assanhar apetites e desengonçar esqueletos, — dão vontade á gente de atirar o volume pela janela a fóra. Seria pena que o fizéssemos. O livro é interessante.

Mal saído do prelo, foi predestinado por Sales Torres-Homem a abrir “uma éra na poesia brasileira”. A posteridade justificou o vaticínio, fazendo dos *Suspiros* o marco inicial do movimento romântico entre nós, o nosso prefácio de Cromwell. Marco puramente convencional, observa Paulo Prado. Tão convencional como o prefácio hugoano, temos o direito de observar. Na

falta do acidente natural no terreno, cumeada ou talvêgue, impõe-se ao agrimensor a adoção de linhas ideais.

Visto com os olhos de agora, o livro de Magalhães se nos afigura uma especie de muro de meiação entre o classicismo e o romantismo, e que a ambos pertence em partes equivalentes. Obra desigual, trabalhada por forças antagonicas, reflete bem o drama interior que atormenta as almas no periodo de transição de um regime para outro: ha no sub-conciente raizes profundas que nos prendem ao passado, e na atmosfera, trazido pelos ventos que sopram do levante, o apêlo irresistivel do futuro. Mas os contemporaneos sentiram apenas o que havia de novo na obra de Magalhães.

Outra lhes pareceu, e era de fáto, a linguagem. Mais simples, mais pitoresca, mais harmoniosa. Libertto da disciplina clássica, o pensamento requer vestimenta folgada e sumária, que lhe não embarace os movimentos. Rejeita o espartilho; e á seda encorpada, ao veludo suntuoso, prefere os tecidos leves. É o que bem se vê nesta quadra, que tem a espontaneidade e a frescura das trovas populares (1):

Assim sou eu sôbre a terra:  
E' minh'alma como a lira,  
Que morre quando não geme,  
Que vive quando suspira.

---

(1) *Suspiros*, p. 281.

Ou nestes versos de agilidade e melodia sem precedentes em nossa literatura (1):

Castas virgens da Grécia,  
 Que os sacros bosques habitais do Pindo!  
 Ó numes tão fagueiros  
 Que o berço me embalastes  
 Com risos lisonjeiros!  
 Guardai os louros vossos,  
 Guardai-os, sim, que eu hoje os renuncio...  
 Adeus, ficções de Homero!

A idéa vem de Almeida Garret, em que Magalhães se inspirou visivelmente:

Gentil religião, teu culto abjuro,  
 Tuas aras profanas renuncio...  
 Disse adeus ás ficções do paganismo...

E' a mesma idéa. Mas os versos de *Dona Branca* estão para os dos *Suspiros* como a lagarta para a borboleta.

Claro que Magalhães não se mostra emancipado dos hábitos mentais criados pela escola, em que aprendeu e cresceu. Assalta-o de vez em vez a nostalgia das elegâncias defuntas; e não resiste á tentação de ataviar a frase com os ouropéis surrados do velho guarda-roupa, com "os antigos e safados ornamentos", de que fala no prefácio do volume. Daí, em contraste com a naturalidade e a graça de certas páginas, as "aras tu-

---

(1) *Id.*, p. 21.

ricremas" (1), as "hidras serpicrinitas" (2), e quejandos horrores. Entre êles, êste prodígio de cacofonia, laboriosamente fabricado para traduzir a aspereza de um penhasco (3):

"Sôbre o bronco alcantil de alpestre fraga...

irmão germano daquele

grito horrendo

que crebro ao rebramar retumba ao longe (4)

com que em obra posterior nos mimoseia.

Além de remoçar a linguagem, Magalhães renova nos *Suspiros* a técnica do verso.

Quebra os moldes rígidos da velha poética. Em vez de odes e sonetos, poemas soltos que se espriam livremente, ao sabor da inspiração. Em vez de estâncias regulares, versos de metros vários, que se cruzam sem a repetição periódica dos mesmos efeitos. Maior liberdade na construção. Maior variedade nos ritmos.

Mas, ainda neste ponto, a rotura com o passado não é completa. Ao figurino clássico obedece mais de uma composição. Vejam-se, por exemplo, *O Riso da Fortuna* (5) e *A Flor Suspiro* (6), que na estrutura não divergem do cânon antigo.

---

(1) *Suspiros*, p. 20.

(2) *Id.*, p. 40.

(3) *Id.*, p. 38.

(4) *Cânticos*, p. 257.

(5) *Suspiros*, p. 163.

(6) *Id.*, p. 238.

Não é sómente na fatura que a poesia dos *Suspiros* se distingue do que os antecessores de Magalhães conheciam e praticavam. Já no título do volume se afirma o individualismo, que constitue um dos característicos marcantes do espírito romântico (1). Dessa afirmação da personalidade á concepção egocêntrica do universo vai apenas um passo, que poucos não transpoem. O vate se arroja ingenuamente um papel sobrehumano:

Não, não és um mortal quanto tu cantas!  
E's o arcanjo da justiça eterna! (2)

Levado por esse orgulho mórbido, verdadeiramente paranoide, coloca-se em plano superior ás potestades da terra:

Um vate é mais que um rei...

E porque a humanidade não lhe beija as plantas, as mulheres não se lhe entregam ao primeiro aceno, os bancos não lhe abrem os cofres, e os negociantes não lhe vendem fiado, torna-se o mundo, a seus olhos, abjeto e bestial: “tudo está gelado, exceto o egois- (3), “para a pátria vale mais que um poema um saco de ouro” (4); “a miséria persegue o gênio” (5), e deante disso a mãe amorosa pede aos céus que o filho

---

(1) José Verissimo, p. 203.

(2) *Suspiros*, p. 33.

(3) *Id.*, p. 17.

(4) *Urânia*, p. 236.

(5) *Tragédias*, p. 17.

Não tenha talento, e sobretudo,  
Que não seja poeta, por que possa  
Ser feliz sôbre a terra...

Romântica é também a melancolia vitalícia e por isso mesmo postiça, com que o poeta se apresenta em público.

Anda êle a divertir-se na Europa, e diz-se a cada instante um mísero proscrito (1). Tem vinte e cinco anos, está começando na mais apetitosa das legações a mais rendosa e macia das carreiras, vive cercado de amigos entusiastas que lhe afagam a vaidade, encontra-se imunizado por uma fé robusta contra a moléstia do tempo, que é a inquietação filosófica; e afivela ao rosto, que adivinhamos risonho e sadio, a máscara de vítima da fatalidade. Sabendo-lhe a vida, temos o direito de sorrir quando o vemos, fantasiado de René ou de Werther, a declamar que, nascido para a dor (2) e triste como o salgueiro (3), desconhece o que seja a ventura e não acha encantos no mundo (4).

Em nenhuma literatura, como na brasileira, Charles Mauras poderia encontrar, para a demonstração de que romantismo é nacionalismo, argumentos mais poderosos. A' emancipação política deve seguir-se logicamente a emancipação espiritual. A oportunidade para a satisfação dessa aspiração legítima, tivemo-la no movimento romântico. A reação na-

- 
- (1) *Suspiros*, p. 344.  
(2) *Id.*, p. 128  
(3) *Id.*, p. 105  
(4) *Id.* ps. 207 e 226.

tivista que, deste lado do Atlântico, se desencadeara contra a influencia da metrópole no domínio do pensamento, coincidiu com a insurreição que, do outro lado, irrompera contra as fórmulas tradicionais da arte. Portugal passou então a representar o velho regime no plano literario e na ordem política. Daí o entusiasmo que a nova escola despertou; o sentido marcadamente nativista do nosso romantismo; o interesse pela paisagem e pela gente da terra.

É o que se faz sentir desde logo no livro de Magalhães. Pensado e escrito longe do torrão natal, tem, apesar disso ou por isso mesmo, o calor do patriotismo. Patriotismo que hoje nos parece ingênuo (1):

Desejo te ver no orbe cantada  
Como a primeira das Nações da terra.

Verso digno de servir de epígrafe ao “Porque me ufano”, mas que tem o sotaque da sinceridade.

Magalhães não se esquece de sua gente. Nem dos contemporaneos, como J. J. da Rocha, Mont’Alverne, Evaristo da Veiga, nem daqueles que a metrópole condenou á fogueira, ao carcere, ao degredo: Antonio José, Claudio Manuel, o pseudo-brasileiro Tomaz Gonzaga. Acode-lhe, em meio das magnificencias das Tulherias, a recordação de Paraguassu; e as mulheres mais ou menos fatais, que deslisam, arreadas de joias e de rendas, pelas calçadas do Boulevard ou pelas avenidas do Bois-de-Boulogne, acendem-lhe a saudade de Moema, de

---

(1) *Suspiros* p. 135.



Lindoia, de Clara, “filhas dos bosques, geradas entre palmeiras” (1). Para o negro, que, com lágrimas, suor e sangue, rega o chão bravio, volta de tão longe o olhar compassivo; e pede á liberdade que do cativo quebre as cadeias e enxugue o pranto (2).

A nostalgia dos céus, das árvores, dos pássaros, que deixou, visita-o frequentemente: as palmeiras suntuosas (3) e os coqueiros (4) abrem no alto os leques á carícia da viração; dobra-se o cajueiro ao pêso dos frutos sumarentos; o beija-flor assalta as corollas (5); o gaturamo (6) e o sabiá gorgeiam. O sabiá, principalmente (7). E’ Marques Pereira, que o descobre para a poesia:

Lá cantava o sabiá  
um recitado de amor  
em metro doce e sonoro...

Mas é Magalhães que, antes de Gonçalves Dias, faz dêsse passarinho triste a voz de nossa paisagem.

Nos *Suspiros e Saudades* está, a meu ver, a obra capital do poeta. Ou, mais precisamente, estão as únicas páginas de verdadeira poesia que êle produziu, porque o resto não passa de prosa mais ou menos disfarçada.

- 
- (1) *Id.*, p. 290.  
(2) *Id.*, p. 292.  
(3) *Id.*, p. 237.  
(4) *Id.*, p. 291.  
(5) *Id.*, ps. 315 e 344.  
(6) *Id.*, p. 344.  
(7) *Id.*, ps. 31, 344, 237.

Para recomendar a coletânea, bastariam as estrofes justamente famosas de “Napoleão em Waterloo”. Pela dignidade do assunto e da forma, constituem, sem dúvida, uma das paginas mais felizes que nos deixou Magalhães.

A repercussão do livro foi entre nós imensa e merecida. O que encerrava de velho e caduco passou despercebido e perdeu-se. Mas o que tinha de belo, de original, de vivo, se entranhou na terra, e deitou raízes, floresceu, frutificou.

#### “COMO A AVE QUE VOLTA AO NINHO ANTIGO...”

Vejam como a fortuna é maliciosa: o poeta que introduziu na literatura nacional o romantismo não se considerava romântico. Estaria iludido como Byron (1)? Não. Salvo no breve período em que escreveu os *Suspiros*, Magalhães sempre foi, em verdade, um clássico retardatário. Nem podia ser outra coisa.

Transplantado bruscamente para o meio europeu, êle perde, por assim dizer, o contacto consigo mesmo, e deixa-se embriagar pelo aroma violento dos jardins desconhecidos, que respira a plenos pulmões. Livre, porém, da influencia imediata do ambiente, não tarda em se convencer de sua incompatibilidade irreductivel com os processos e as idéas da revolução espiritual, de que o romantismo é a expressão triunfante no dominio da arte.

---

(1) Reynaud, p. 294.

Com os processos. Nada tem o movimento romântico, a principio, que lhe agrida a sensibilidade. Nobres na inspiração e na linguagem são as elegias de Lamartine, hamoniosas, delicadas e lânguidas, e os poemas de Vigny, repassados de pessimismo altaneiro. Só depois vem o lirismo hugoano, com as suas truculencias e os seus desmandos; um lirismo “dont la seule loi est le désordre”, e que permite todas as liberdades, abolindo as hierarquias, misturando o trágico solene ao grotesco atrevido, e admitindo no santuario das letras os sentimentos vulgares e as palavras plebéas. E’ o que Magalhães chama o “desalinho” (1), a “barafunda” (2). Tamanha falta de recato e compostura irrita profundamente os homens de uma geração como a dêle, grave e circumspecta, ciosa do decoro no vestuario e nas maneiras, como nas atitudes intellectuais e sentimentais.

Não são apenas os processos que lhe repugnam. Tambem as ideas directrizes. O romantismo começa em França, com Chateaubriand e Lamartine, por ser católico e monarquista, o que está em perfeita consonância com as crenças ou convicções de Magalhães. Toda a filosofia religiosa do autor dos *Suspiros* está nesta quadra inqualificavel (3):

A sorte choremos  
Que avessa nos é;  
Mas não blasfememos.  
Vivamos co’a Fé.

---

(1) *Tragédias*, p. 7.

(2) *Id.*, p. 137.

(3) *Suspiros*, p. 201.

Toda a sua filosofia política, nestes versos com que saúda a coroação de Pedro II (1):

Eis-te, emfim, Anjo nosso, sopesando  
O cetro de ouro...

Mas, vencida a primeira etapa, o romantismo evolue para a democracia na ordem política e o deísmo na ordem religiosa. Nada mais natural. Que é êle, em última análise, senão a vitoria, na ordem estética, do sensualismo do século XVIII? Que ha de mais repugnante ao espiritalismo católico do que a reabilitação do instinto, a apologia das paixões, o culto da natureza, a insurreição de indivíduo contra as normas e os valores tradicionais, o repúdio de todos os freios na escolha dos temas e da maneira de tratá-los? Católico fervoroso, monarquista ferrenho, conservador por educação e temperamento, discípulo de Filinto Elísio e de Mont'Alverne, Magalhães se convence, depois de curta hesitação, de que deve retornar ao classicismo. Porque, sem embargo de suas aparências pagãs, a literatura clássica é de inspiração católica e monárquica e obedece à concepção espiritalista do homem e do universo (2).

Não admira, portanto, que, em 1839, tres anos depois da publicação do volume recebido e consagrado como o evangelho do novo credo artístico, diga o

---

(1) *Avulsas*, p. 297.

(2) Reynaud, p. 294.

poeta, em verdadeira profissão de fé literária, que lhe repugnam igualmente o “rigor” dos clássicos e o “desalinho” dos românticos. Eclético em filosofia, á maneira de Cousin, pretende também sê-lo em estética: “não vendo verdade absoluta em nenhum dos sistemas, faço as devidas concessões a ambos, ou antes faço o que entendo e o que posso” (1). Cópia, assim, a atitude que Victor Hugo adotara em 1824, colocando-se a meia distância dos partidos e acima deles. (2) Atitude contrafeita e por isso mesmo instável. Nem o poeta das *Odes*, nem o autor dos *Suspiros* podem observar a neutralidade prometida. Mas, ao passo que o primeiro assume sem tardança o comando, que lhe aponta o destino, da facção vitoriosa, o segundo volta arrependido aos arraiais de que desertara.

Toda a obra de Magalhães, posterior a 1836, é, com efeito, a negação do espírito novo. Ao drama, que encarna a fórmula teatral do romantismo prefere a tragédia; põe todo o esforço de que é capaz em um poema épico, á maneira de Basílio da Gama e Durão; e as últimas produções, datadas de 1862 e 1864, são realmente, no fundo e na forma, de 1820.

Assim terminaria aquele que, com os *Suspiros Poéticos*, trouxera, colhida em Chateaubriand e Lamartine, a semente do romantismo.

---

(1) *Tragédias*, p. 7.

(2) *Lanson*, p. 938.

## MAGALHÃES E O TEATRO BRASILEIRO

Publicado na Europa o livro, Magalhães volta ao Brasil, desembarcando no Rio de Janeiro a 14 de maio de 1837 (1).

Ao que dizem, a frase que lhe assoma aos lábios, ao entrar na baía de Guanabara e diante de maravilhas tamanhas, é esta exclamação desdenhosa (2): “Ó terra de ignorantes!” Parece tratar-se de invenção fabricada para malquistá-lo com os compatriotas. Ao envez do que se propala, Magalhães dá mostras, em versos inflamados (3), de quanto se julga venturoso em rever

O pétreo gigante majestoso  
Sôbre as cerúleas ondas ressupino...  
Do golfo ingente, que do mundo as naves  
Todas pode conter no âmbito imenso;

e o sol dos trópicos que refulge ainda

Nestes climas  
Da Providência esmero  
Onde se apraz a amiga liberdade  
Tão grata aos corações americanos;

---

(1) *Avulsas*, p. 259.

(2) Mota Filho, *Introdução ao estudo do pensamento nacional*, p. 129.

(3) *Avulsas*, p. 259.

e a terra em que nasceu:

Se em ti não venho achar da Europa o fausto...  
Tambem não acharei ~~as~~ misérias  
Maiores que seu brilho.

Desembarca, e é recebido como um triunfador pelos contemporâneos (1).

Assim estimulado, recomeça imediatamente a atividade literária.

Em fins de 1837, ou comêços do ano imediato, escreve para João Caetano dos Santos a tragédia *Antônio José ou o Poeta e a Inquisição*. É a primeira obra dêsse gênero que empreende. Não ha contar, de fato, o “elogio dramático em aplauso do dia aniversário da Independência, representado no teatro particular da rua dos Arcos em 7 de setembro de 1831”, alegoria detestavel, em que o Brasil, a Liberdade, o Fado e o Côro das Províncias se entregam a copioso intercâmbio de sensaborias, á sombra de “aprasível bosque as margens do Rio de Janeiro”.

A tragédia vai á cena em 13 de março de 1838, no Teatro da Praça da Constituição, conhecido tambem por Teatro Constitucional Fluminense (2). João Caetano desempenha o papel do protagonista; Estela

---

(1) Apontamentos biográficos, no arquivo do Instituto Histórico.

(2) Passou a chamar-se S. Pedro de Alcântara, em julho de 1839, ao que informa Henrique Marinho, *O teatro brasileiro*, p. 62, nota.

Sezefredo, o de Mariana; Costa (1), o de frei Gil; Amaral, o de Conde de Ericeira.

Noite memorável. A sala, repleta e vibrante: “em todas as dependencias do teatro (noticia o *Jornal do Comercio* na edição de 21 de março), o público se apinhava ardoroso e exaltado, como se tivesse consciencia do momento histórico”. O êxito, formidável: o autor se recordaria mais tarde, com desvanecimento, dos elogios e aplausos conquistados pela tragédia, e especialmente pelo quinto ato, nas repetidas vezes em que subiu á cena (2).

Justificam-se as aclamações da platea carioca e a ufania de Magalhães. Não pelo que vale *Antônio José*, mas pelo que representa.

O que representa, disse-o muito bem José Verissimo (3). Refervem ainda as esperanças e ilusões suscitadas pela Independencia, que data apenas de quinze anos. E’ nessa atmosfera abrasada pelo patriotismo que se desenrola este espetáculo inédito: atores brasileiros ou abrasileirados interpretam em um teatro brasileiro a produção de um brasileiro, que se destina a evocar a figura de outro brasileiro martirizado pela metrópole. Naturalissima a repercussão que tem na alma do povo essa primeira tentativa de nacionalização do teatro.

---

(1) Deve ser João Antonio da Costa, companheiro inseparavel de João Caetano.

(2) *Tragédias*, p. 6.

(3) O. c. p. 377.



O que vale é, em verdade, muito pouco.

Magalhães, que déra um passo á frente com os *Suspiros Poéticos*, recúa acintemente para o passado com o *Antônio José*. Afim de tornar bem manifesto o seu divorcio da corrente literária, a que se filiara durante a estadia na Europa, não escreve um drama histórico á mania dos românticos, com as suas paixões descabeladas, os seus lances violentos, a sua preocupação da côr local e do pormenor pitoresco; nem um melodrama consoante a receita de Pixérecourt e Ducange, rápido na ação, violento e pueril nos processos, e moral no desenlace, que é o triunfo inevitavel da virtude. Não: em vez de escolher uma dessas fórmulas teatrais, que são as do tempo em que vive, Magalhães mergulha no passado e volta de lá com uma tragédia em cinco atos. Não lhe consente o engenho tomar por modêlo qualquer das obras-primas da idade áurea. Inspira-se nos frutos abortícios da decadência. De modo que *Antônio José* encerra todos os defeitos do gênero, e nenhuma de suas belezas.

Justíssima, a crítica de Sílvio Roméro: obra incolor, sem vida, sem ação. A fabulação? Pueril. As personagens? Tudo quanto ha de mais falso. O estilo? Tudo quanto ha de mais empolado, cerimonioso, retórico. O verso? Tudo quanto ha de mais prosaico, lembrando, a cada instante, o dito de Rivarol: “c'est là de la prose, où des vers se sont mis”.

Dêsse juizo, que é o dos críticos, poderia o autor apelar para o das multidões. Alguma coisa ficou,

na memoria coletiva, da versalhada de *Antônio José*. Ha ainda quem proclame: “Nasce de cima a corrupção dos povos...” Existe ainda quem diga sentenciosamente: “Poetas por poetas sejam lidos, poetas por poetas entendidos”. A gloria é isso mesmo, afinal de contas: uma palavra, uma atitude, um gesto, que so-brevivem.

Reincidindo no pecado, Magalhães comete, logo depois, nova tragédia em cinco atos. *Olgianto* é representado a 7 de setembro de 1839, por ocasião da reabertura do Teatro S. Pedro de Alcântara, em que se transforma o Teatro Constitucional Fluminense (1). Nem João Caetano, nem Estela Sezefredo figuram entre os intérpretes. Cedem a autores secundários os papéis que lhes destinara o autor (2).

Parece não ter sido dos maiores o êxito da peça. Em *Olgianto* sobram os vícios literários de *Antônio José*. O enredo está fóra do plano da realidade, e tambem pela pobreza de invenção, abaixo do plano da poesia. As personagens são meras abstrações. A linguagem ensossa, quando não pretenciosa. O que salva a obra

---

(1) “O edificio (diz Henrique Marinho, *Teatro Brasileiro*, p. 63) passara por modificações. Foi construído o segundo sobrado de frente e o frontão sôbre o corpo central; o teto fóra pintado por Olivier; o pano de boca, por Manuel de Araujo Porto-Alegre, representava, de um lado a barra do Rio de Janeiro, e de outro a rotina e a ignorância, afujentadas pelo Anjo das Belas Artes”. — *Olgianto* foi publicado em 1841, na tipografia de F. Paula Brito, Rio de Janeiro (XII — 116, p. in 8.<sup>o</sup>), e incluído no volume “*Tragédias*”, das Obras Completas.

(2) Os papeis principais são desempenhados por J. Florindo, Costa, Romualdo, Maria da Glória e Ricciolini.

anterior é a circunstancia de versar assunto nacional. Nem essa atenuante se pode invocar a favor de *Olgiato*, que se vai abeberar num episodio minúsculo da historia de Milão.

Coisa diferente não temos o direito de esperar de quem se revela, em materia de arte, escravo de preconceitos infantis. “Se eu introduzisse Galeazzo em cena”, diz ele (1), “ver-me-ia forçado a dar-lhe o seu torpe e infame caráter; o que, além de vexar o ator que o interpretasse(!), incomodaria os espectadores (!!)

e vexaria a moral pública... Que jogo de cena poderia haver com um tigre que ia direito ao crime, de que alardeara?... E quereriam os apaixonados da realidade vê-lo assim em cena?” Sem comentarios.

A seguir, Magalhães traduz *Otelo*, a pedido de João Caetano, que representa em sua festa artistica a tragedia. Não a produção de Shakespeare; mas a ignobil adaptação de Ducis, em que Desdêmona aparece desfigurada em Hedelmonda, e, de vergonha, Iago se esconde sob a máscara de Pézaro...

Além dessa, Magalhães trasladou para o vernáculo outras produções teatraes, de que não ha notícia precisa. Diz êle, com efeito, haver excluído da edição de suas tragédias “outras menos aceitas” (2).

---

(1) *Tragédias*, p. 255. Em nota introdutória, Magalhães declara ter feito a tradução em poucos dias; e acrescenta que a peça foi representada muitas vezes em varios teatros do Brasil. Dela se fez uma tiragem em 1842 (Rio de Janeiro, Tipografia Imparcial de F. Paula Brito, 110 p. in 4.º).

(2) *Tragédias*, p. 255.

## SECRETARIO DE CAXIAS

Nem só de poemas e tragédias vive o homem. Em 1838, depois do êxito retumbante de *Antônio José, Magalhães* consegue da Regencia a cadeira de filosofia no Colégio Pedro, que acabava de ser inaugurado. A materia está incluída nas duas últimas “aulas”, isto é, nos dois anos finais; de modo que o novo professor não tem alunos, e, o que é pior, não percebe vencimentos.

Em começos de 1839 procura instaurar um curso para alunos estranhos ao instituto; mas o governo embarga-lhe os passos. Pede então ao Ministro do Império que designe desde logo a época da abertura do curso e lhe arbitre ordenado compatível com os trabalhos do magistério e as dificuldades dos meios de subsistencia na capital do país. Tudo em pura perda: “a seu tempo será deferido”, é o despacho ministerial, acorde com a informação do director do colégio (1). “Na dúvida

---

(1) E' este o teor de um requerimento arquivado na Biblioteca Nacional: “Senhor: Diz D. J. Gonçalves de Magalhães, Professor nomeado para o I. Collegio de Pedro 2.<sup>o</sup>, como mostra pelo documento juncto, e designado para a Cadeira de Philosophia como consta por um officio dirigido ao Revmo. Reitor, antes da abertura do Collegio, que não tendo até hoje o Governo de V. M. I. baixado ordem alguma para que o suppte. entre no exercicio do Magisterio, nem arbitrado o ordenado com que possa subsistir, vendo-se assim o suppte. ha um anno no embaraço e na duvida sobre o seu destino, — P. a V. M. Imperial Se Digne marcar a epocha do abertura do curso de Philosophia, arbitrando ao mesmo tempo o ordenado que em Sua Sabedoria julgar correspondente aos trabalhos do

e no embaraço sobre o seu destino". Magalhães compõe mais uma tragédia. Representado o "Olgiato", a fortuna resolve-se a dar ao poeta a situação por que anseia.

Carlos de Lima e Silva e Francisco de Lima e Silva Filho, irmãos daquele que mais tarde immortalizaria o nome de Caxias, eram amigos íntimos de Magalhães (1). A um deles, provavelmente, se refere o poeta em poema da juventude (2):

E tu, ó Lima, que meus versos prézas...

Está revelado o motivo por que o então coronel Luiz Alves de Lima e Silva se lembra de levar Magalhães como secretário do govêrno, quando parte, em fins de 1839, para assumir a presidência e o comando de armas do Maranhão. Missão das mais delicadas e difíceis, sabido que a província vinha padecendo, desde o ano anterior, a guerra civil desencadeada pelos "bentevís" e agravada pelos "balaíos".

---

Magisterio, e á difficuldade dos meios de subsistencia nesta Capital". — Diz a informação do reitor Leandro Rebello Pxt. e Castro: "Não ha Alumnos promptos p<sup>a</sup>. hu tal curso, pois ainda estão frequentando as materias da 3.<sup>a</sup> Aula e a Filosofia some. cabe na 2.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup> e por isso se percisa deste anno lectivo, e o que se lhe segue, p<sup>a</sup>. se abrir o curso Filosofico. Depois se faz perciso qe. se adopte na Congregação dos Lentes hu Compendio, que se deve submitter á approvação do Governo. O d.<sup>o</sup> Professor já no principio deste anno tentou principiar as suas lições no Collegio e prometeu trazer alumnos externos, e avulsos... mas o Governo nunca admittio esta classe de avulsos". A redação e a ortografia dêste último documento não depoem em favor do sinatário.

(1) *Cânticos* ps. 19 e 21.

(2) *Avulsas*, p. 239.

A 22 de dezembro de 1839 saem do Rio a barca de vapor “S. Sebastião”, com o presidente, o secretário e muitos oficiais, e o brigue “Beranger”, carregado de tropas e munições. A viagem é acidentada. Desnortado por ventos contrários, o brigue vai ter a Montevideu, enquanto que, perseguida pelo mau tempo, a barca tem de buscar abrigo em Vitória (1):

Já fumea o vapor no cavo lenho,  
E luta contra o mar hirto, iracundo,  
E contra o vento oposto ao nobre empenho.  
— Arribemos! — Mas onde? — Na Vitória!  
Bom preságio, ó Guerreiro!

Tocam depois na Baía e em Recife. Magalhães aproveita o ensejo para saudar os montes Guararapes (2):

...Soberbos, orgulhosos Montes  
Do Bátavo invasor leitões de morte!

A 16 de janeiro de 1840 chega o “S. Sebastião” a Natal. Mas, ao entrar a barra, dá de encontro a um penedo:

Quebra-se a quilha do veloz madeiro...

Dias depois, os passageiros se transbordam para o brigue-escuna “Guararapes”. Só em 5 de fevereiro aportam a S. Luis.

---

(1) *Id.*, p. 284.

(2) *Id.*, p. 271.

Começa então o pacificador do Império a obra ingente de restauração da ordem. Magalhães acompanha-o, como a sombra ao corpo, nessa luta inglória e cansativa contra fôrças irregulares:

Por toda a parte o pérfido inimigo,  
Que de rapinas vive, fuge errante.

**Caxias, infatigavel, multiplica-se:**

Ei-lo já no Munim...  
Eis o Itapucuru cheio de orgulho,  
Vendo-o passar de novo em férrea quilha.  
...Igneo vaso,

ou, mais simplesmente, no “Fluminense”, primeira embarcação a vapor que singra as águas dos rios da província.

Ei-lo na Varzea Grande! Ei-lo em Viana!  
Ei-lo em Caxias! Ei-lo em toda a parte!

Com razão se ufana Magalhães de obedecer ao condestavel “sans peur et sans reproche”, que nunca usou da espada para satisfazer ambições pessoais ou para derrubar a falsa fé os representantes do poder legítimo. Obediente ao exemplo de Caxias, o exército é nesse momento da história nacional o servidor altivo e não o tutor impertinente do povo brasileiro.

Os soldados são dignos do chefe.

Tudo lhes falta naquelas regiões inhóspitas. Sofrem  
sêde (1) :

...Água, só água...  
Nada mais desejo;

mas límpida e fresca, e

...não desta  
Morna e turva de misera cacimba.

Padecem fome. ·Dão-lhe a comer apenas

A salgada vianda encortiçada,  
Da puba mandioca a ruim farinha.

Andam maltrapilhos:

Lá vão, coitados, quasi nós, tão sujos  
Que os andrajos e a pele tudo é lódo.

Dormem ao desamparo:

...O chão é fresco leito  
E as patronas são prontos travesseiros.

Não podem, siquer, buscar na aguardente o esque-  
cimento de tantas miserias:

Ha quantos dias  
Só no hospital se dá como remédio  
O ardente suco da gostosa cana!

---

(1) *Avulsas*, p. 275.



O que foi essa campanha, que terminou afinal com a anistia e a pacificação, disse-o mais tarde Magalhães em excelente memória premiada com a grande medalha de ouro pelo Instituto Histórico em 1847 (1). Disse-o também numa ode pindárica (2), de feitio rigorosamente clássico, prova cabal de sua reconciliação com a poética ante-diluviana, que renegara nos *Suspiros*.

Com a demissão de Caxias em maio de 1841, volta o poeta ao Rio de Janeiro, a tempo de saudar o segundo imperador “no fausto dia de sua coroação e sagração” (3) e de assistir em outubro aos últimos momentos do pai.

Assume em comêços de 1842 a regência da cadeira de filosofia, no colégio Pedro II, para que fôra nomeado em 1838. Daquele ano é seu “Discurso sobre o objeto e a importância da filosofia” (4). Trata-se, possivelmente, da lição inaugural do curso.

Em 24 de dezembro de 1842 Caxias é nomeado comandante em chefe do exército em operações no Rio Grande do Sul, e, passados quatro dias, presidente da província. O governo revolucionário está, virtualmente, de posse de todo o território gaúcho. Só tres cidades reconhecem ainda a autoridade do poder central. Com

---

(1) *Revolução da província do Maranhão*, publicada na Rev. do Inst. Hist., 1848, e reproduzida nos *Opúsculos*.

(2) *Avulsas*, p. 283.

(3) *Id.*, p. 295.

(4) Notas bibliográficas existentes no arquivo do Inst. Hist., em que vêm mencionados sómente o lugar da publicação (Rio) e a data (1842), sem indicação da tipografia.

o moral abatido pela inércia dos chefes e pelos revéses continuados, o grosso do exército legal se deixa ficar imobilizado em S. Lourenço. E' nessa hora de incerteza que Caxias assume a responsabilidade formidável de reintegrar no Império a província rebelada.

Lembra-se, mais uma vez, de Magalhães, e confia-lhe, como no Maranhão, a secretaria do govêrno.

Magalhães colabora, desde janeiro de 1843, com o seu grande amigo na obra ingente da pacificação. Nem por isso desdenha o comércio das letras. São desse tempo várias poesias, inclusive mais uma ode, repartida em estrofes, antístrofes e epodos, com que celebra pela segunda vez a gloria de Caxias (1); outra, dedicada ao Imperador; a tradução da *Morte de Socrates*, de Lamartine (2), e a novela *Amância* (3). Pena que, em vez de aproveitar os lazeres de que dispunha para traçar a história da guerra dos Farrapos, a exemplo da memória referente á "balaiada", tenha ele desperdiçado o tempo em obras de tamanha desvalia.

## NO PARLAMENTO

Em recompensa dos serviços que lhes vem prestando na secretaria do governo provincial, os rio grandenses do sul fazem-no deputado geral á sexta legislatura.

---

(1) *Avulsas*, p. 299.

(2) *Cânticos*, p. 265.

(3) Publicada na *Minerva Brasileira*, 1844, ps. 267-292, e reeditada nos *Opúsculos*, p. 347-391.

Ei-lo de novo na Côrte, onde o encontramos a 27 de abril de 1846, data em que é reconhecido e empossado pela Câmara, juntamente com Joaquim Vieira da Cunha, seu companheiro de bancada (1).

A figura mais prestigiosa do ministerio (só em junho de 1847 será criado o lugar de presidente do conselho de ministros) é Holanda Cavalcanti, que, precisamente na véspera da abertura solene do parlamento (2 de maio de 1846), recompõe o gabinete de 26 de maio do anno anterior.

Anuncia-se uma política de congraçamento: “O ministerio quer a conciliação de todos os brasileiros, o respeito dos direitos de cada um... Aceita a colaboração de todos... Respeita os partidos... mas não simpatiza com os que pretendem o aniquilamento de seus contrários” (2).

Na Câmara é grande a maioria governamental, em que se apontam os “luzias” de Minas e os “vendas-grandes” de S. Paulo, rebeldes de ontem, e os “praieiros” de Pernambuco, revolucionários de amanhã. Entre estes, Nunes Machado. Entres aqueles, Marinho, Alvares Machado, Gabriel Rodrigues dos Santos, Machado d’Oliveira. Do outro lado, uma reduzida, mas valorosa patrulha “saquarema”, capitaneada por Araujo Ferraz, Paulino, Wanderley.

Magalhães vai achar na assembléa legislativa como representante de Minas o seu velho amigo Sales Torres-

---

(1) Anaes de 1846, I, p. 7.

(2) Holanda Cavalcanti, no Senado (14 maio 1846).

Homem. Entra com êle nas fileiras dos que apoiam o govêrno. Tanto assim que ambos, com Muniz Tavares, são eleitos pela maioria, para a comissão de instrução pública (1).

É das mais discretas a atuação parlamentar de Magalhães durante o biênio (1846-1847), em que tem assento na Câmara.

Em 1846 subscreve tres projetos da comissão a que pertence (2). O primeiro limita a liberdade do ensino particular. Institue o segundo, como o título de “Conselho Geral da Instrução Pública”, uma junta destinada a auxiliar o govêrno na organização e direção do ensino em todo o Império. O terceiro propõe a fundação, na Côrte, de um externato, para o ensino das letras e dos elementos das ciências, sob o nome de “Liceu Nacional” Só êste último entra em discussão. Combatem-no vários deputados. Defendem-no Sales Torres-Homem e Magalhães. Este pronuncia duas alocações ligeiras: uma, para demonstrar que o projetado externato não virá prejudicar o colégio Pedro II; outro, para impugnar um pedido protelatório de volta dos papeis á comissão (3).

No ano immediato os dois companheiros de ideal insistem em seu propósito: concentram em um só projeto as idéas esparsas nos anteriores (4). Ao iniciar-se a discussão, o irrequieto dom Manuel de Assis Mas-

---

(1) Anaes de 1846, I, p. 14.

(2) *Id.*, p. 475 e s.

(3) *Id.*, II, ps. 358 e 373.

(4) Anaes de 1847, I, p. 348.

carencias, deputado por Goiás, pede o adiamento “sine die”.

Rejeitado o requerimento, Sales Torres-Homens faz, em defesa da iniciativa, estudo criterioso e documentado da miséria, que é a instrução primária e secundária na capital do país (1). A instrução primária: 17 escolas masculinas e 8 femininas, com 1532 alunos, para uma população livre de mais de cem mil almas; salas empestadas, em que mal se pode respirar; o ensino reduzido á aprendizagem da leitura, da escrita, das quatro operações fundamentais, dos rudimentos de gramática e do catecismo; “mestres públicos”, sem remuneração bastante, sem prestígio, sem entusiasmo. A instrução secundária: o estudo das línguas feito em compêndios sumaríssimos, o da filosofia pela cartilha do Genuense, o da retórica em extratos de Quintiliano; e, a gritar o desprezo do Governo por assunto dessa magnitude, a inspeção dos estudos secundários entregue ao fiscal da municipalidade, que, assim, é incumbido, a um tempo, de providenciar a remoção do lixo e “de velar sobre o ensino das belas letras”...

A essa oração notável pela nobreza do pensamento e pela segurança da documentação, responde d. Manuel de Assis Mascarenhas, que faz praça, como sempre, da estreiteza de seu espírito e das demasias de sua filáucia (2). Acusa o autor do *Libelo do Povo* de estar

---

(1) *Id.*, II, p. 574.

(2) *Id.*, II, p. 594.

propinando á Câmara lições de facil erudição; e traça esta caricatura agressiva do colega illustre: “á maneira de um pregador d’aldeia que vem á Côrte pregar algumas vezes o seu sermão, agarrou-se ao balaústre, não o deixou por mais de uma hora, fitou os olhos em um alvo, e com voz rouca recitou um discurso que parecia bem decorado”. É dessa maneira que se costuma argumentar nas assembléas políticas...

Nada mais se encontra, que mereça atenção, com referência á passagem de Magalhães pela Câmara dos Deputados.

Espírito delicado e culto, bem se compreende que lhe repugne intervir nos embates inglórios e mesquinhos das facções. Em 1846 e sobretudo em 1847 abundam os “tamanduás”. Tal o nome pitoresco que, na gíria parlamentar da época, se dá ás discussões sem termo e sem proveito, em tórno de questiúnculas partidarias, para o desafogo de paixões individuais. Nasce, em regra, o “tamanduá” de um requerimento de informações sôbre assunto que nada tem a ver com o interesse público. Tanto basta para que adversários e correligionários do autor do requerimento se sucedam interminavelmente na tribuna, em defesas e ataques, réplicas e tréplicas; e é assim que o processo do ex-tesoureiro Lírio, a tentativa de sedição havida na cadeia de Maceió, as qualificações eleitorais de Pernambuco e outros problemas de igual transcendencia ocupam

durante semanas e meses a fio a atenção dos legisladores (1).

Questões se discutem, todavia, em que se não justifica a displicencia de Magalhães. O caso da subvenção a João Caetano, por exemplo. A administração do Teatro S. Pedro de Alcântara está em luta aberta e despiada com o creador de *Antônio José*. proprietário do Teatro S. Francisco. Lembra-se a Câmara de favorecer com loterias, imparcialmente, as duas empresas teatraes. Mas o Senado aprova uma emenda supressiva do beneficio concedido a João Caetano. Volta á Camara o projeto assim odiosamente mutilado. E' de esperar que o apóstolo da nacionalização da arte dramática saía a campo em defesa da causa justíssima de seu grande intérprete e amigo. Baldada esperança: Magalhães não diz palavra. É Dias da Mota que verbera o voto do Senado, reivindica para João Caetano tratamento igual ao do rival, denuncia a conspiração de ódios mesquinhos e intrigas pequeninas que em torno dêle se entretece. Tudo em vão: a Câmara se submete ao voto ominoso da outra casa do parlamento (2).

Explica-se o mutismo do poeta. Magalhães é de uma timidez quasi mórbida. Demonstra-lo-á mais tarde,

---

(1) Melo Matos, *Páginas de história constitucional do Brasil*, ps. 329 e seg.

(2) Anaes de 1846, II, ps. 692 e s.

quando, atacado de rijo por José de Alencar, se retrai e emudece. Leia-se o prefácio com que abre a segunda edição da *Confederação dos Tamoios*: nem uma palavra de defesa contra o censor impiedoso. São outros, e não êle, que aparam os golpes e procuram cobrir-lhe o corpo.

## NOVOS RUMOS

Não é o parlamento que o preocupa.

São os seus trabalhos literários. Em março e abril de 1847, lê, perante o Instituto Histórico, de que é socio efetivo desde 1839, a memoria acerca da sedição maranhense (1), memoria que a douta sociedade recompensa com a grande medalha de ouro, entregue ao autor na sessão solene de 9 de setembro.

É a sua vida sentimental. Data desse mesmo ano de 1847 (2) o casamento de Magalhães com a illustre e virtuosa senhora, que lhe foi companheira inseparavel (3), e sempre lhe inspirou (4).

O mais ardente amor, o amor mais puro  
Que o céu pode infundir num peito humano.

É a sua carreira. Por decreto de 27 de setembro de 1874, o govêrno resolve nomeá-lo cônsul geral e encarregado de negócios interino no reino das Duas

---

(1) *Rev. Trim.* 1847, II, ps. 135 e 266.

(2) *Rev. Trim.* XLV, p. 198.

(3) *Cânticos*, p. 65.

(4) *Urânia*, p. 1.



Sicílias (1), reintegrando-o assim na diplomacia de que fôra afastado em 1836. Deve ter chegado a Nápoles em fins de 1847 ou comêços de 1848.

Quem ocupa o trono vacilante das Duas Sicílias é Fernando II, irmão de D. Teresa Cristina, imperatriz do Brasil. Magalhães vai encontrar aquele que passaria á historia com a alcunha pitoresca de rei Bomba, em luta com o povo. A rebelião da Calábria e a insurreição da Sicília são de ontem. A guerra da independência encabeçada pelo Piemonte sacode a península. Sob a pressão do movimento liberal, que empolga os espíritos, Fernando II promete em janeiro de 1848 e outorga em fevereiro seguinte uma constituição. Aproveita-se, porém, logo após, do incidente suscitado numa sessão preparatória da camara dos deputados, a propósito da fórmula do juramento, para voltar ao absolutismo. Arruaças, barricadas, repressão impiedosa: os "suíços" mercenários afogam em sangue a insurreição e castigam pela chacina e pelo saque a burguesia liberal. Depois, a eterna história: o povo a tremer diante do tirano, que multiplica as prisões, os confiscos, os destêrros; e o tirano a tremer diante do povo, sentindo-se envolvido numa rêde impalpavel de animosidades. Prisioneiro do pavor, Fernando II se refugia nos palaciõs de Gaeta e de Caserta.

---

(1) Exonerado do consulado geral pelo decr. de 27 de Set. 1850, passa a encarregado de negocios efetivo por decr. de 14 de novembro de 1851.

Não deve ser das mais agradáveis a vida nessa côrte secundária e pobre, em que o rei se esconde como um animal feroz no fundo de uma caverna.

Em Nápoles o poeta recebe a notícia do falecimento de sua mãe (1):

De ti tão longe,  
 Não me foi dado, desditoso filho,  
 De joelhos, chorando, ante teu teu leito,  
 A benção receber, que me lançaste,  
 Por mim chorando no afflitivo lance.

Não é só: a morte arrebatou-lhe também dois filhos, Domingos e Luis (2).

Para se consolar ou para encher o vazio da existência de diplomata, Magalhães se entrega á composição da epopéa de assunto nacional, com que vem sonhando desde 1832 (3) e em que põe toda a esperança de immortalidade.

Sete anos leva a conceber e polir os dez cantos da *Confederação dos Tamoios*. Está a concluir o trabalho, quando, por decreto de 12 de junho de 1854, é removido, como encarregado de negócios efetivo, do reino das Duas Sicílias para o da Sardenha.

Em outubro segue de Nápoles para Turim, afim de assumir a chefia de nossa representação junto a Victor Emanuel II.

---

(1) *Cânticos*, p. 37.

(2) *Id.* p. 105

(3) *Avulsas*, p. 334.

Pouco tempo se detem na capital do rei “galantuomo”. Obtida uma licença, embarca de regresso á terra natal, ansioso por submeter ao juizo do imperador o poema que vem de terminar.

### “A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOIOS”

Demora-se no Rio de Janeiro até meados de 1855 (1). Regressa á Europa antes de publicado o poema. De fato, só no curso do primeiro semestre do ano seguinte sai dos prelos de Paula Brito a edição imperial (2).

O acolhimento não corresponde á expectativa. Fóra da igrejainha literária, em que pontifica o Imperador, o livro é recebido friamente.

Nada mais justo. Chega com o atraso de um seculo. E, o que é mais, chega depois de Gonçalves Dias ter inventado, para cantar os homens e as coisas do Brasil, o ritmo brasileiro. Podem ser falsos os indios do Y Juca Pirama. Pouco importa: os sentimentos que exprimem são nossos, e bem nosso, com o seu gosto violento de fruta do mato, com o seu cheiro de floresta virgem, com a sua musica barbara de maracás e de borés, a lingua que falam. Aqueles que fingem de bugres na epopéa carnavalesca de Magalhães revelam á primeira vista o que são na verdade: são todos êles portugueses de lei, desembargadores ou mesteirais mais ou

---

(1) Manuscrito no arquivo do Instituto Histórico

(2) 340-19 in fol., 1856. Ao que informa Artur Mota (l. c.), a edição comum saiu da mesma tipografia em 1857.

menos acacianos, enfeitados de penas de arara e tintos de genipapo.

Não sei se existe por aí quem tenha tido o heroísmo de ler os dez cantos da “Confederação”. Confesso que desanimei logo no principio. Lembrei-me daquele criminoso italiano, de que fala Macaulay. Deram-lhe a escolher como pena a leitura de Guicciardini ou as galés. Mais do que depressa o homem se decidiu pelo historiador. Mas as paginas compactas, em que se conta a guerra de Pisa, fizeram o delinquente mudar de opinião e tomar do remo... Imaginem que, no testemunho de Silvio Romero, figuram entre as coisas mais louvaveis da epopéa os queixumes do Iguassú; e a bugra usa desta linguagem:

Só eis-me aqui no cimo da montanha,  
 Dos meus abandonada, como um tronco  
 Despido, inutil no alto da colina,  
*A que os ramos quebrou Tupan co'a frecha.*

Haverá verso mais pedregoso do que esse? Mas a tirada de Iguassu contém outras belezas:

Porque tão cedo, ó sol, hoje raiaste?  
*Porque flamejas como acesas brasas?*

Bastam as duas amostras, que aí ficam, tomadas ao acaso em um dos “melhores” pedaços do poema, para que se avalie o que vale o resto.

Antonio de Alcantara Machado teve a pachorra que me faltou. O resultado foi esta página: “Ha no poema, entre inúmeros, tres versos que Paulo Prado não se

cansa de saborear. Com razão. Encontram-se no canto V. Jagoanharo vai de canoa a S. Vicente, a mandado do pai, procurar o seu tio Tibiriçá. Encontra um Tibiriçá católico e português. Trava-se entre os dois quilométrico diálogo, que é das coisas mais cómicas que eu conheço em literatura. Tibiriçá faz ao sobrinho as honras da vila. E é então que Magalhães põe na sua boca estes versos fantásticos:

Vês tu aquela casa? Ali habita  
O português Ramalho, que é meu genro.  
Has de vê-lo, e a mulher, e os meus netinhos.

Formidavel. Formidavel. Formidavel.

E aquele episódio do canto sétimo então? Aimbire e Parabuçu incendiam a casa de Bras Cubas. Braz Cubas foge pela janela. Aimbire “pronto o aferra” e vai matá-lo, quando

Mal envolta numa alva de dormir (!),

Surge a filha do desgraçado, pedindo perdão para o pai. O lance é comoventíssimo. Diante da “gentil menina” Aimbire titubeia. Depois,

Grata lembrança se lhe aviva n’alma,  
Como um raio de luz em céu trevoso.

Deixa cair o tacape. E, o que é pior, estas palavras:

Maria! (exclama)  
Pobre Maria, és tu?

E Magalhães, diante de tão sublime gesto e tão sublimes palavras, sai-se com esta tirada:

Outros heroes, mimosos da fortuna,  
 Por altiloquos vates celebrados,  
 Nunca, brandindo da vingança o ferro,  
 De tão grande piedade exemplos deram.

Ainda e sempre formidavel”

Contra o poeta oficial, de fardão e chapéu armado, que tenta ressuscitar, em pleno dominio romântico, as fórmulas arcaicas, investe José de Alencar, e faz muito bem. Ao invés do que dizem os historiadores de nossa literatura, as *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios* (1), publicadas por Alencar em julho e agosto de 1856 no *Diario do Rio*, sob o pseudônimo de Ig, representam obra de justiça implacavel, mas necessaria.

A repercussão desses estudos críticos é imensa. Como Heitor derrubado por Ajax, Magalhães se vê coberto pelos escudos de seus companheiros. Surgem as respostas nas colunas do *Correio da Tarde* e do *Jornal do Comercio*. Quem levanta a luva primeiramente é Araujo Porto-Alegre, sob a máscara de “o amigo do

---

(1) Reunidas, logo a seguir, em volume com o mesmo titulo.

poeta" (1). "Outro amigo do poeta", que é o proprio Imperador, não hesita em descer á liça, para defender "a ação praticada pelo monarca", ou seja o fãto de ter editado o trabalho (2). Por ele incita-

---

(1) O primeiro artigo foi publicado no *Correio da Tarde*, a 23 de julho de 1850, sob a epígrafe: "A confederação dos Tamoios. Breve resposta ás cartas do Sr. Ig. no *Diario do Rio*". O segundo, a 28 de julho: "Ainda uma palavra ao sr. Ig. do *Diario do Rio*". O terceiro, a 31 de julho: "Mais uma palavrinha aos críticos" No primeiro o *amigo do poeta* desfere contra Aleucar esta seta envenenada: "O homem despeitado e sem coragem fere o protegido por não ousar ferir o protetor. Nem todos, sr. crítico, tem a dextreza de Guilherme Tell"

(2) Quatro artigos publicou o Imperador, sob o titulo "Reflexões ás cartas de Ig sobre a Confederação dos Tamoios"; e mais duas intituladas, "Resposta ao artigo das *Folhas Soltas*" e "Resposta ao 2.º artigo das *Folhas Soltas*", que era o nome da secção do *Diario do Rio*, em que Aleucar escrevia. Esses artigos saíram no *Jornal do Comercio* de 4, 11, 15, 21, 23 e 24 de Agosto de 1856. Eis o começo do primeiro, em que o articulista procura cautelosamente disfarçar a propria identidade: "Ocupava-me tranquilamente com as minhas obrigações, quando me deram a ler as *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*, assinadas por Ig. Não desgostei de seu titulo, e as censuras me abateram; mas não deparando seuão com um ou outro louvor a certas passagens do poema, assaltou-me a curiosidade de examinar se os *Suspiros Poeticos* que tanto me agradam tinham sido os últimos do poeta. Procurei o poema, obtive-o enfim, com algum custo (!), pois só ha pronta a edição imperial, e, estudando-o, assim como a crítica, julguei dever apresentar estas reflexões ainda que escritas com pena mal aparada: siga a ordem das críticas" E terminia por chamar á ordem Araujo Porto Alegre, que tão imprudentemente descobrira a coroa uo tópicu precitado: "Quizera concluir aqui este mesquinho trabalho, cujos defeitos poderão ser desculpados, atentas as minhas obrigações e a pouca prática das polêmicas literarias; mas tenho ainda que pedir ao meu companheiro do *Correio da Tarde* (pois tambem sou amigo do poeta) que me permita queixar-me do modo por que invoca a proteção de uma pessoa que todos respeitamos, não só se

dos (1), novos advogados aparecem: Mont'Alverne (2), Macedo, Soares de Azevedo (3), Paranaipia-

---

arriscando a comprometê-la em questões a que está sobranceira como também parecendo desconfiar da justiça da sua causa, visto que apenas responde ás acusações; o reconhecimento do mérito real do poema, depois que este for lido com calma, será o único elogio completo do poeta, e da ação praticada pelo monarca amigo das letras”.

(1) No arquivo do Instituto Histórico se encontra uma carta autógrafa, sem data, de Pedro II ao Visconde de Sapucaí, de que destacamos alguns tópicos: “...o Ig deseja agora que lhe apresentemos as belezas do poema... Talvez seja ocasião de uma pena florida escrever alguns artigos, fazendo realçar as belezas da *Confederação dos Tamoios*... Se se apresenta em campo quem tanto espero ansiosamente, é muito provavel que o “Outro amigo do poeta” ainda pegue na pena para conversar agradavelmente... Tenho me achado quasi que isolado, e... não quereria que o *Ig* se empavonasse mais descobrindo um único amigo do poeta”.

(2) *Considerações críticas, literárias e filosóficas acêrca da Confederação dos Tamoios*, no *Jornal do Comercio*, de 23 de dezembro de 1856, e depois em *Trabalhos oratorios e literarios* de fr. Francisco de Monte Alverne, coligidos por Cãmara Bittencourt, Rio de Janeiro, 1856. Lê-se no preâmbulo: “Na posição excepcional em que a Providencia me colocou, quando o meu cérebro está requeimado com fadigas literarias, talvez superiores ás minhas forças físicas e mesmo á minha capacidade; quando o brilho da imaginação está extinto, e não é possivel reanimá-la com os quadros da natureza visivel, com o aspecto brilhante dos céos, com a frescura e colorido das flores; quando o coração confrangido com os pesares e as provações mais dolorosas só exala gemidos e as expressões de mágua; a análise e a crítica da produção literaria de um dos nossos mais belos genios torna-se de uma dificuldade tão manifesta, e de um peso tão esmagador, que priva o crítico desta expressão da alma e da confiança que lhe deveria ministrar a consciencia de seus meios e de suas forças... *E' mister, porém, obedecer áquele que tem um imperio absoluto sôbre o meu coração e sôbre o meu espirito*”.

(3) Na *Revista Brasileira*, I, 1857, p. 59-113



caba... Tudo em vão. A sentença lavrada por Alencar foi confirmada pela posteridade.

## TRABALHOS VARIOS

Enquanto, dêste lado do Atlântico, antigos e modernos brigam por sua causa, Magalhães se conserva sossegadamente na capital piemontesa.

Por êsse tempo Turim é o ponto de reunião dos mais altos espíritos da Itália. Em tórno do “re galantuomo” e de Cavour se congregam, emigrados voluntária ou compulsóriamente das outras regiões italianas, sujeitas ao jugo de govêrnos reacionários ou estrangeiros, economistas como Scialoia, historiadores como La Farina, e filósofos como Tommaseo. Homens de estudo, homens de letras, professores, pensadores, políticos animam os salões da aristocracia liberal; ao mesmo tempo que elementos inferiores, profissionais da revolução, demagôgos de botequim, animam os grupos que se formam na praça Carignan, depois das sessões do parlamento.

Quando Magalhães chega de novo a Turim, o povo rejubila com a tomada de Sebastopol. Vinte mil piemonteses acabam de bater-se, ao lado das tropas francesas e inglesas contra o império moscovita. Vittório Emanuele está de partida para cobrar pessoalmente de Napoleão III e da rainha Victória o preço da cooperação que acaba de prestar-lhe; e, com o seu faro das

oportunidades, Cavour prepara o ambiente necessário, para que se reconheça ao Piemonte o direito de falar em nome da Itália, par a par com as grandes potências, na próxima conferência da paz.

Em Turim, onde tem a desventura de perder mais um filhinho (1), o diplomata permanece até começos de 1857. Por decreto de 6 de fevereiro desse ano é removido para S. Petesburgo. Não deve ser das mais trabalhosas a representação do império sul-americano junto ao tzar Alexandre II. Magalhães aproveita os lazeres para concluir e publicar dois livros. Em 1857, *Os Mistérios*, volume de elegias, com esta sub-epígrafe: “*Cântico fúnebre á memória de meus filhos* (2). Em fins de 1858, *Fatos do Espírito Humano*, com êste subtítulo: *Filosofia* (3). Nenhuma dessas obras dá lustre maior ao nome do escritor.

Em *Os Misterios* a letra e o pensamento são de pobreza franciscana. O tom do livro inteiro, encontramo-lo nesta dedicatória “aos pais que perderam os filhos”:

---

(1) *Cânticos*, p. 105.

(2) Paris, Imp. de Rignoud, 1857, in 8.º, 104 p. Incluídos posteriormente no *Cânticos Fúnebres*.

(3) A primeira edição é de Paris, 1858. A segunda e última impressa em Viena (Imperial e Real Tipografia), é de 1865 (B. L. Garnier, Rio). Ha uma versão francesa: *Faits de l'esprit humain, traduit du portugais par N. P. Chancelle*. Paris. Librairie d'Auguste Fontaine, Passage des Panoramas, 35 e 36, 1859.

Tristes pais, tristes mães, a quem a morte  
Os dias enlutou, ímpia roubando  
Os caros filhos, que chorais ainda!  
...Comigo meditai nesses misterios  
Da existencia fugaz, farta de dores,  
Balda de bens, se a fé não vem dourá-la.  
Ah, possa a Fé secar o pranto vosso  
E mostrar-nos no ceu os caros filhos.

Quanto aos *Fatos do Espirito Humano*, não ajuize-mos de seu mérito pela crítica de Silvio Romero, sempre eivada de paixão. Ouçamos a palavra serena e insuspeita de Leonel Franca (1). Depois de passar em revista as opiniões do autor acerca da natureza do homem e da origem do conhecimento, assim resume o jesuita as suas impressões: “Em todas estas idéas... nenhuma novidade para o historiador da filosofia”.

Nem seria licito esperar coisa diferente, dados os defeitos da formação filosófica de Magalhães. Mont’Alverne, em quem inicia os estudos, não passa de um retórico, sem ideas claras e seguras: começa por tentar uma conciliação impossivel entre o sensualismo e o espiritualismo cristão, e termina por adotar o ecletismo de V. Cousin, sem repudiar inteiramente as concepções de Condillac, em que foi educado (2). Depois, quando de sua primeira viagem á Europa, Magalhães frequenta o curso de Jouffroy no Colégio de França. Estuda enfim a obra de Cousin e talvez a de Malebranche. Res-

---

(1) *Noções da historia da filosofia*, p. 240 e seg.

(2) L. Franca, 1. c.

sentem-se de todas essas influencias, realismo, idealismo, ontologismo, as produções que nos deixa. Nenhuma contribuição original lhe devemos. Nada que nos autorize a conferir-lhe as insignias de pensador. Tudo quanto revelam os seus ensaios filosóficos é uma cultura “não de todo desprezível naquele tempo, particularmente no Brasil” (1).

Em 9 de dezembro de 1858 vai Magalhães, ainda no caráter de encarregado de negócios, para a Espanha, então governada por Isabel II. Deixa, porém, Madrid ao cabo de poucos meses, promovido, por decreto de 7 de maio de 1859, a ministro residente em Viena onde se conserva cêrca de oito anos.

Magalhães continúa a trabalhar. De 1859 é a melhor de suas obras de prosador: a biografia de Mont'Alverne (2). Quando êste baixa á sepultura, em os primeiros dias de dezembro de 1858, dêle se despede Araujo Porto-Alegre com estas palavras: “Ah, se estivesse aqui o Magalhães, era a êle, o continuador de sua doutrina, e não a mim, indigno discípulo, que pertencia êste devido testemunho de gratidão e de saudade. O direito de honrar a sepultura do mestre e do amigo pertencia ao autor dos *Fatos do Espirito Humano*” (3). Magalhães não se recusa ao cumprimento dêsse dever; e, em páginas notáveis pela correção e

---

(1) Almeida Magalhães, *Espiritualistas brasileiros do século XIX* (artigo no “Estado de S. Paulo”).

(2) *Opúsculos*, ps. 305-322.

(3) *Rev. Trim.*, XXI, 1858, p. 501.

pela sobriedade, traça um perfil muito interessante do velho professor. O paralelo entre Mont'Alverne e Sampaio é, no gênero, dos mais bem acabados.

Data do mesmo ano o ensaio intitulado *Os indígenas do Brasil perante a história* (1), destinado "a rehabilitar o elemento indígena que faz parte da população do Brasil". O trabalho se lê ainda hoje com agrado. Duas anedotas, por exemplo, colhidas durante a estadia de Magalhães em Nápoles indicam que os napolitanos se sangravam á menor aflição ou contrariedade. Isso, para que se lhes não fermentasse a bile e azedasse o sangue. Sangradores havia em todas as ruas da cidade, afim de acudir aos casos de urgencia.

Mas o poeta não se decide a abdicar. E' de 1862 uma coletânea de poesias líricas, intituladas *Urânia* (2). *Urânia*, diz êle, constitue o anagrama da mulher querida (3). Dêsse livro e dos subsequentes disse cruelmente Franklin Távora: "revelam apenas o cansaço de um laborioso espírito chegado áquela estância que se aproxima do repouso final".

Algumas dessas composições podem figurar, todavia entre as menos imperfeitas, que nos legou o autor dos *Suspiros Poéticos*. São, evidentemente, de época muito anterior á publicação.

---

(1) *Rev. Trim.*, XXIII, 1860, p. 1-66.

(2) Viena, Imperial e Real Tipografia, 1862, B. L. Garnier.

(3) *Januária*.

Assim, as primeiras quadras, leves e espontaneas, de *As Laranjeiras*, Magalhães descreve o arrabalde pitoresco da cidade natal, em que reside a namorada (1):

Alto monte de granito  
Ao lado esquerdo se alonga,  
Onde em grupos de palmito  
Geme a cândida araponga.

Do outro lado se levanta  
Um monte que as nuvens toca.  
O sabiá nêle canta  
Ao murmúrio do Carioca.

... Grato perfume o embalsama  
De seus jardins em ladeiras.  
Quem não conhece e não ama  
O vale das Laranjeiras?

... O sitio é passada a fonte  
que o nome tem de Rainha...

Onde a estrada mais se estreita,  
Das duas fontes em meio,  
Ha uma entrada á direita,  
Onde o vale fórma um seio.

Pequena ponte se passa  
Á sombra de uma mangueira;  
E logo a vista devassa  
De casas uma fileira.

---

(1) *Urânia*, p. 271.

Á direita, sempre entraudo,  
uma se vê, a do canto...

... A casa não corresponde  
Ao belo ideal que encerra:  
Assim ás vezes se escoude  
O diamante na terra.

“A noite de S. João” denuncia no poeta oficial e solene um caricaturista bem humorado. “Venha pena e papel, venha um tinteiro”, pede o poeta, para cantar os transe, por que passa quem, como êle, “montado em trêfego ginete”, tem de atravessar, “até quem do Catete”, a cidade flamante. Ei-lo que salta

... Fogueiras,  
De alcatrão, barris queimados,  
De que cheias estão ruas inteiras...

Daqui rolando estoura hórrida bomba;  
Dali massas estalam de foguetes...

Ígneas rodas suspensas das janelas,  
Cometas fulminantes.

...É um inferno festejando um santo  
Propício aos fogueteiros.

De tauto fogo e fumo arrepiado  
Vinha o meu palafrem uitrindo e aflaudo,  
Quaudo imprevisto buscapé danado  
Tornou o caso infando.

Ei-lo se engrifa, arrifa e pinoteia,  
 Recúa, quer voltar. Premo-lhe os flancos;  
 Puxo as rédeas; mas qual! Mais corcoveia  
 E atrás me traz aos trancos.

...Fincando nos ilhais os calcanhares,  
 Firme na sela, não abdicó. O bruto  
 Como um corisco zune, e rompe os ares  
 E aqui chego *ex-abrupto!*

...Do meu arrojô um prêmio não me teças  
 Láurea c'róa, que perco a tramontana.  
 Basta para adoçar-me que me ofereças  
 Um tolête de cana...

Não é muito. Mas é bem superior ás elegias soporíferas dos *Misterios* e aos versos enfáticos e difíceis da *Confederação*.

### MISSÕES DIPLOMÁTICAS

Depois de *Urânia*, Magalhães resolve fazer, de acôrdo com o desejo manifestado por B. L. Garnier, a edição completa de suas obras. "Constará esta edição de oito volumes (diz êle na advertencia posta á frente do primeiro, saído á luz em 1864), sendo seis em verso e os outros em prosa, aos quais talvez possa acrescentar alguns mais, se Deus me der vida e vagar para con-



cluir alguns trabalhos já começados. em que vou enchendo o resto desta cansada existencia” (1).

Está em Viena, acompanhando a impressão desses trabalhos, quando rebenta a guerra fabricada por Bismark para assegurar a hegemonia prussiana: succedem-se o desastre de Sadowa, a invasão da Moldávia, a chegada das tropas a Nicolsburgo, de onde ameaçam a capital de Francisco José, e, com a paz de Praga, a mutilação do império austro-húngaro.

De longe, com o coração oprimido, assiste as peripécias do conflito armado entre o Brasil e o Paraguai. Antes de terminada a luta, Pedro II resolve aproveitá-lo em missão de maior delicadeza e gravidade. Por decreto de 9 de março de 1867, Magalhães é nomeado enviado extraordinário e ministro plenipotenciário nos Estados- Unidos.

O povo norte-americano está a braços, por esse tempo, com os problemas criados pela guerra de secessão. Como restabelecer as relações entre a União e os Estados dissidentes, que acabam de ser vencidos? Reintegrá-los rapidamente, sem humilhações inúteis, no gôso das prerrogativas constitucionais, como irmãos transvia-

---

(1) — *Avulsas*, advertencia. As *Obras completas*, publicadas de 1864 a 1876, compreendem nove volumes: I. *Poesias avulsas* (1864); II. *Suspiros Poeticos e Saudades* (186...); III. *Tragédias* (1865); IV. *Urânia* (186); V. *A Confederação dos Tamoiros* (1864); VI. *Cânticos Fúnebres* (1864); VII. *Fatos do Espirito Humano* (1865); VIII. *Opúsculos Históricos e Literarios* (1865); IX. *A Alma e o Cérebro* (1876).

dos e arrependidos? Ou tratá-los como prêsa de guerra, como provincias reconquistadas, como réus de crime sem perdão?

Depois do homicídio de Abraão Lincoln, assume o govêrno Andrew Johnson, partidário, como êle, de uma política de esquecimento e de clemência. Mas a Câmara e o Senado, capitaneados respectivamente por Summer e Thaddeus Stevens, repelem o plano de reconstrução iniciado pelo presidente e põem em execução um projecto violento e implacavel. O conflito entre os dois poderes se vai agravando dia a dia, até que, em fevereiro de 1868, a Câmara resolve promover perante o Senado a responsabilidade de Andrew Johnson, acusado de "high crimes and misdemeanors". Inicia-se o processo em 5 de março. Mais de dois meses consome o desfile das testemunhas. Durante vários dias a acusaçáo e a defesa se empenham em torneios memoráveis. Afinal, em 16 de maio começa o julgamento. As galerias do Senado regorgitam de representantes diplomáticos, altos funcionários, representantes de todas as classes sociais, vindos de todos os pontos do país (1). Lá está, com certeza, para apreciar esse espetáculo inédito e empolgante, o plenipotenciario do Brasil. Por um voto apenas de maioria, Johnson é absolvido.

Magalhães, se desempenha com zelo de manter a cordialidade das relações entre os dois países. A prova

---

(1) Elson, *Hist. des Etats-Unis*, 1930, p. 803.

da eficiência de seu trabalho, têm-na nesta circumstancia eloquente: quando em 1871 os Estados Unidos e a Inglaterra se decidiram a submeter o arbitramento a questão do “Alabama”, as duas nações deferem ao Imperador do Brasil a indicação de um dos membros do tribunal que, para resolver o dissidio, se reunirá em Genebra.

De Washington vem Magalhães para igual posto em Buenos Aires. O decreto de nomeação traz a data de 15 de abril de 1871.

Não é das mais facéis a missão que lhe cabe desempenhar junto a Domingos Sarmiento, cuja presidencia iniciada em 1868 só terminará em 1874. Sabe-se por muito quanto tempo despendemos e quantos precipicios andamos beirando, na liquidação das pendencias territoriais entre a Argentina e o Paraguai, “partida diplomatica que será um verdadeiro jogo de esconder e durará bem oito annos” (1).

É Magalhães que aguenta, em Buenos Aires, a repercussão do gesto audacioso de Cotegipe, com a assinatura em separado dos tratados de paz com o Paraguai. Estamos a pique de uma guerra com a nossa aliada da véspera. Resolvida a crise, com a vinda de Mitre e a assinatura do acôrdo de 19 de dezembro de 1872, Magalhães, já então distinguido com o título de barão de Araguaia, por decreto de 18 de julho desse anno, é encarregado da missão especial de representar

---

(1) Nabuco, *Um estadista do Imperio*, II, p. 278.

o Brasil nas negociações, que se vão reencetar na capital paraguaia. Da inteligência e do tacto, com que se ha Magalhães no cumprimento dêsse encargo delicado, dão conta minuciosa os relatórios contemporâneos do Ministério dos Estrangeiros.

A liquidação, que Araguaia não pode concluir, será feita mais tarde, em 1876.

### ÚLTIMOS ANOS

Antes disso, em 10 de junho de 1874, Magalhães é acreditado junto á Santa Sé, na qualidade de enviado extraordinário e ministro plenipotenciário, e, quasi simultaneamente, por decreto de 25 do mês seguinte, passa de barão a visconde com grandeza.

Quando o visconde de Araguaia apresenta as credenciais a Pio IX, dois príncipes da Igreja, frei Vital e d. Antônio de Macedo Costa, acham-se, um na fortaleza de S. João e outro na da ilha das Cobras, expiando a pena de quatro anos de prisão simples, em que lhes foi comutada a de prisão com trabalho, a que foram condenados pelo Supremo Tribunal de Justiça, ás ordens do primeiro Rio Branco.

Tanto basta para demonstrar a delicadeza excepcional da situação do diplomata brasileiro junto ao Sumo Pontífice.

Em boa hora vem facilitar-lhe a missão a anistia de 1875,

Magalhães pode então voltar ás suas preocupações filosóficas.

As duas últimas obras que lhe saem da pena são *A alma e o Cérebro*, em 1876 (1), e *Comentários e Pensamentos*, em 1880 (2).

Desta nenhuma página existe, que mereça menção. Naquela, dedicada ao Imperador, que se dignou “ouvir a leitura de alguns capítulos” e animou o autor a concluir o trabalho, ha uma apreciação da frenologia de Gall, do sensualismo de Condillac e do materialismo. Na parte negativa está, para Leonel Franca, a parte melhor da obra filosófica de Magalhães (3).

---

Em Roma, a 10 de julho de 1882, com pouco menos de setenta anos, falece o visconde de Araguaia.

Bem pode ser que, a dois passos do trânsito supremo, lhe tenham acudido á memoria aqueles versos de *Antonio José*:

Morrer... Morrer... Quem sabe o que é a morte?  
Porto de salvamento ou de naufrágio?

---

(1) Impresso em Roma, Tip. Fratelli Pallita, 1876.

(2) Roma, Tip. Forzani & C., 1880.

(3) A *Revista da Academia Brasileira* (1934) publicou, em seu *epistolario acadêmico*, varias cartas íntimas de Magalhães a Porto-Alegre, que em nada contribuem para a gloria do missivista. São de uma chateza, de uma aridez, de um terra a terra simplesmente incríveis: noticias do tempo reinante (muita chuva, muito frio ou muito calor), da saude das pessoas da familia

O naufragio, para um homem como êle, seria o esquecimento. Passados cincoenta anos, o seu nome vive ainda e não morrerá tão cedo, porque sem decliná-lo ninguém poderá traçar a historia do pensamento nacional. Entendia assim José Veríssimo, representante da geração que lhe sucedeu: “influiu poderosamente na formação da literatura brasileira, que desde então começa a distinguir-se da portuguesa”. Reconhecem-no os moços de hoje como Ronald de Carvalho e Mota Filho, que enaltecem “o empenho de Magalhães em prol da libertação literaria do Brasil”.

Pouco importa que, fecunda em abortos, a obra do poeta, do teatrólogo, do crítico, do novelista, do filólogo tenha mais intenções do que realizações. A grandeza dos ideais que o inspiravam, o desejo constante de enobrecer a vida, o culto ardente das coisas da inteligência, a coragem e por vezes a galhardia com que abordou todos os gêneros, o papel que, embora contra

---

(caiu a comadre doente com febre em consequencia de um forte resfriado... uma tosse catarral não me deixa repousar... a pequena vai melhor...), das chegadas e partidas de amigos e compatriotas, e dos prejuizos que lhe deu o procurador na administração de seus bens... E, em matéria de literatura, nada, absolutamente nada, a menos que se dê o nome de poesia a estas quadras inqualificaveis, fabricadas em homenagem ao nascimento de mais uma filha do compadre: “Tens um nenê que te alegre — A quem embales cantando, — Suspendendo-o nos teus braços, — Pela sala passeando. — Tem o Inácio com quem brinque. — Distração tem as meninas, — A Mãe cuidados mais serios. — Que acabem co’as serrazinas. — Vida nova e nova vida! — Venha a alegria do céu — Com esse anjinho mimoso — Que a Providencia te deu” Lamentavel.

a sua vontade e ao arrepio de suas convicções mais radicadas, desempenhou no movimento romântico, fazem de Magalhães um dos valores de nossa aristocracia espiritual.

## NOTAS BIBLIOGRAFICAS

- *Poesias*. Rio de Janeiro, Tipografia Ogier, 1832.
- *Ode pindarica*, no *Independente*, 1833.
- *Ode maçônica* recitada no ato da inauguração do novo templo, por D. J. G. de M. da L. Comercio e Arte (publicada no Ritual Maçonico, Rio de Janeiro, Tip. de Ogier, Era Maçonica 5835, p. 37).
- *Filosofia da religião*. — *Discurso sobre a historia da literatura do Brasil*. — Notas bibliograficas sobre “Voyage pittoresque et historique ao Brésil”, de J. D. Debret, e “A liberdade das republicas”, de Montezuma, em *Niteroi*, revista brasiliense, Paris, Daurin et Fontaine, Passage des Panaromas n. 35, 1836.
- *Episodio da infernal comedia ou Viagem ao Inferno*. Inferno, na rua do Fogo, Canto da do Sabão. 1836.
- *Suspiros Poeticos e Saudades*. Paris, 1836. Segunda edição: Paris, 1859, Tipografia Henrique Plon.
- *Antonio José, ou O Poeta e a Inquisição*. Rio de Janeiro, 1839.
- *Olgiato*, Rio de Janeiro, Tipografia de F. Paula Brito, 1841.
- *Discurso sobre o objeto e a importancia da filosofia*, Rio de Janeiro, 1842.
- *Otelo ou o Mouro de Veneza*, Rio de Janeiro, Tipografia Imperial de F. Paula Brito, 1842.
- *A origem da palavra*, na *Minerva Brasileira*, I, 1844, p. 255-256.
- *Amancia*, na *Minerva Brasileira*, I, 1844, p. 267-292.
- *Ode a S. M. o Imperador Senhor Dom Pedro II, por occasião da visita que se dignou fazer á provincia de S. Pedro*. Porto Alegre, 1845.
- *Revolução da provincia do Maranhão*, na *Rev. Trim. do Instituto Historico*, 1848, 2.<sup>a</sup> serie, p. 263 e s.
- *O poeta infeliz*, na *Revista Universal Brasileira*, 1847-1848.
- *Ortografia da lingua portuguesa*, na *Revista Brasileira*, 2.<sup>a</sup> fase, IV, p. 377.



- *A Confederação dos Tamoios*. Rio de Janeiro, Tipografia Paula Brito, 1856 (edição imperial). Segunda edição: mesma tipografia, 1857. Terceira edição: Coimbra, 1864.
- *Os Misterios*. Paris. Imp. de Rignond. 1857.
- *Fatos do Espirito Humano*. Paris. 1858.
- *Biografia do Padre-Mestre Frei Francisco de Mont'Alverne*, oferecida ao Instituto Historico, 1859.
- *Os indigenas do Brasil perante a historia*, na *Rev. Trim*, 23, p. 3 (1860). Fez-se uma tiragem em separado (Rio. 1860).
- *A velhice*, na *Revista Popular*, tomo XIV.
- *Urânia*. Vienna. Imperial e Real Tipografia. 1862.
- *Obras completas*. — I. *Poesias avulsas*. Vienna. Imperial e Real Tipografia. 1864. — II. *Suspiros Poeticos e Saudades*. Id. 186.. — III. *Tragédias* (Antonio José. Ogiato. Oteló). Id. 1865. — IV. *Urania*. Id. 186.. — V. *A Confederação dos Tamoios*. Id. 186.. — VI. *Canticos Funebres*. Id. 1864. — VII. *Fatos do Espirito Humano*. Id. 186. — VIII. *Opusculos Historicos e Literarios* (Revolução da provincia do Maranhão. Os indigenas do Brasil perante a historia. Discurso sobre a historia da literatura do Brasil. Filosofia da religião. Biografia de Mont'Alverne. Porque envelhece o homem. O pavão. Amancia. Ode a Dante. Hino dos Bravos). Id. 1865. — IX. *A alma e o cérebro*. Roma. Fratelli Calita. 1876.
- *Comentarios e pensamentos*. Roma. Forzani & C. 1880.
- Cartas de Gonçalves de Magalhães a Porto Alegre, na *Revista da Academia Brasileira*, Maio e Novembro de 1934.



## INDICE

Meninice	5
Primeiros versos	10
Estudante de medicina	12
Influencias literárias	14
Magalhães e Mont'Alverne	22
1832	26
Viagem á Europa	29
"Suspiros poeticos"	37
"Como a ave que volta ao ninho antigo"	37
Magalhães e o teatro brasileiro	50
Secretário de Caxias	56
No Parlamento	62
Novos rumos	68
"A Confederação dos Tamoios"	71
Trabalhos vários	76
Missões diplomáticas	84
Ultimos anos	88
Notas bibliográficas	92







## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).